

4

Gênero, poder simbólico e relações de poder em uma organização militar

Nesta pesquisa, propomos uma discussão acerca dos processos em que estão imersas as relações de gênero existentes no contexto de uma organização militar do Exército Brasileiro, que atualmente possui em seu quadro homens e mulheres militares, situando-a conforme Takahashi (2002), entre os estudos que buscam a compreensão das relações entre indivíduos em determinado meio social e as especificidades que influenciam estas vivências.

Para tanto, neste capítulo procuramos primeiramente apresentar, a partir da contribuição de diferentes áreas do conhecimento, uma revisão teórica das reflexões de vários autores sobre possíveis aproximações e distanciamentos entre gênero, poder simbólico e relações de poder, manifestados no cotidiano de trabalho e sob a influência da cultura patriarcal na definição dos papéis sexualmente atribuídos.

Pretendemos então buscar na trajetória de construção do referencial teórico, situar tais categorias a partir da leitura de autores consagrados da sociologia e da filosofia como: Bourdieu; Foucault; Manuel Castells, e Raquel Sohier, entre outros.

Como a proposta apresentada pretende discutir conceitos complexos e de grande amplitude, vale ressaltar que buscamos nos ater tão somente aos elementos que poderiam vir a contribuir na compreensão dos significados adotados nos discursos, sem evidentemente ter a pretensão de esgotá-los.

4.1

Entendendo as diferenças de gênero

Imagino que para lidar com as diferenças entre nós e as outras pessoas, temos que aprender compaixão, autocontrole, piedade, perdão, simpatia e amor – virtudes sem as quais nem nós, nem o mundo pode sobreviver.

Wendell Berry

É fato que homens e mulheres são diferentes, e que pensam e agem de maneiras diversas. Essas diferenças eram e ainda são vistas por muitas pessoas como inatas, isto é, biológicas, por isso mesmo, impossíveis de serem alteradas. Não se

pode negar que as diferenças biológicas constituem fator importante nas construções das desigualdades de gêneros, porém não se deve considerar como o único fator determinante dessas desigualdades.

A escolha pelo estudo do conceito de gênero neste momento ocorreu por entendermos que o mesmo apresenta-se como um conceito importante e útil quando se trata de discutir os problemas e a situação da mulher e do homem na sociedade.

Pretendemos apresentar aqui algumas considerações teóricas a respeito dos “estudos de gênero” e discutir algumas possibilidades de análise para os usos que estão sendo feitos deste termo no campo acadêmico. Para esse fim, buscamos contextualizar o surgimento desse conceito em nosso cenário social, procurando dar conta também de algumas mudanças pelas quais passou ao longo de sua trajetória.

4.1.1

“Nem tão frágeis assim”: para entender relações de gênero no universo militar

O dia era de confraternização.

O motivo era um dos mais comuns para aqueles que optaram por abraçar a carreira das armas: a transferência de um membro da equipe de uma Organização Militar para outra.

A transferência é conhecida no meio militar como “movimentação”¹. Esta ocorre em decorrência dos deveres e das obrigações da atividade militar, em servir em qualquer parte do país ou no exterior.

¹ Segundo o Art. 5º do Regulamento de Movimentação para Oficiais e Praças do Exército (R-50), 23 de Jan 79 – Movimentação é a denominação genérica do ato administrativo que atribui, ao militar, cargo, situação, Quadro, OM ou fração de OM. A movimentação abrange as seguintes modalidades: a) classificação - é a modalidade de movimentação que atribui ao militar uma OM, como decorrência de promoção, reversão, exoneração, término de licença, conclusão ou interrupção de curso; b) transferência - Transferência é a modalidade de movimentação de um Quadro para outro, de uma para outra OM ou, internamente, de uma para outra fração de OM, e que se realiza por iniciativa da autoridade competente ou a requerimento do interessado; c) nomeação - é a modalidade de movimentação em que o cargo a ser ocupado ou a comissão a ser exercida pelo militar é nela especificado e d) designação - é a modalidade de movimentação de um militar para: - realizar curso ou estágio em estabelecimento estranho ou não ao Exército, no país ou no exterior; - prestar serviços

Para alguns as conseqüências de uma mudança como essa, onde o indivíduo se vê obrigado a transferir toda a sua rotina de vida de um lugar para outro, não é fácil de ser assimilada, em virtude dos desgastes familiares (procura de novo local para instalação da família, novo ambiente escolar para os filhos, recolocação no mercado de trabalho para os demais membros, distanciamento de toda rede social de apoio, como profissionais que fazem o acompanhamento a saúde dos membros da família, vizinhos, amigos, familiares indiretos) e dos desgastes emocionais (expectativa sobre a receptividade do novo local de trabalho, dificuldade de adaptação aos costumes do local onde fixaram residência, dificuldade de adaptação a falta de recursos de diversos gêneros - alimentício, cultural, tecnológico, etc - tendo em vista alguns lugares ainda serem pouco desenvolvido).

Não era o caso daquele militar.

O sonho pela primeira transferência sempre esteve presente no seu ideal de bom soldado, desde a conclusão de sua formação militar em uma das escolas militares do Exército Brasileiro, há oito anos.

Como bom companheiro de trabalho, era sabido por todos os outros integrantes daquela OM que aquela unidade perdia, para a “carreira militar” naquele dia, um de seus melhores combatentes, já que o referido militar possuía as melhores características que um combatente precisaria ter: a lealdade, o companheirismo, responsabilidade e dedicação, em outras palavras o famoso espírito de corpo militar.

Mas era preciso deixá-lo ir, e embora o sentimento de perda fosse imenso, todos também se sentiam felizes pelo companheiro de Força, uma vez que sua transferência só havia se concretizado em reconhecimento aos excelentes serviços prestados à Força e ao Brasil.

Na vida militar, somos sempre ensinados a reverenciar todos os momentos que foram vivenciados por nossos ancestrais e pelos momentos que vivenciamos em nossas próprias vidas, como uma forma de aprendizagem e respeito, daí a realização de tantas formaturas, confraternizações e cerimônias militares.

técnicos especializados, no país ou no exterior; - exercer cargo especificado no âmbito da OM; - exercer comissões no país ou no exterior.

Nesse caso específico de transferência de um companheiro de jornada não poderia ser diferente. Após a cerimônia militar de oficialização do desligamento deste militar de sua atual OM para que em trinta dias ele se apresentasse em seu novo local de trabalho, foi realizada uma pequena confraternização de despedida, entre seus superiores hierárquicos, amigos e familiares.

Antes do início do evento foi explicado pelo Oficial mais antigo o motivo da realização daquele encontro e em seguida a palavra foi passada a Oficial que tinha o referido militar como seu subordinado direto para que fossem proferidas algumas palavras de agradecimento, pelos serviços prestados e incentivos a nova jornada que se iniciava.

Era notório para todos que a emoção transbordava aquele recinto, para além da cadeia hierárquica entre subordinado e superior, o que se via ali eram palavras de amizade, respeito e de profundo carinho pelo ser humano que ali estava e não apenas pelo militar em forma.

As palavras de agradecimento iam saindo como melodia até que finalmente foi preciso concluir dizendo adeus como forma de materializar a despedida. Como uma quebra aos protocolos militares as palavras da militar cessaram subitamente e só era possível ouvir o som do silêncio proferido por suas lágrimas. Era impossível conter a emoção e todo o auditório ficou a olhar também com olhos marejados a emoção daquele momento.

Na verdade nem todos.

Um militar que ali se encontrava externou suas reflexões com a militar que se encontrava ao seu lado com o seguinte comentário:

Mulher no Exército têm disso, um chororô só por uma coisa boba; no Exército todo mundo vêm e vai, é assim desde sempre, imagina se todo mundo resolver chorar agora. Vão transformar as formaturas em novelas da Globo. Isso é que dá colocar mulher. Eu quero ver se vocês tivessem que servir em uma unidade cavalariana. Bem na baía, cuidando dos cavalos. Rapidinho vocês iam querer dar baixa (Militar anônimo do sexo masculino, s.d.).

Era de deixar qualquer militar do segmento feminino com o sentimento de revolta e indignação com aqueles comentários. Contudo, mais surpreendente que o comentário proferido pelo militar foi a resposta dada pela militar ao superior:

Com certeza senhor, nós serviríamos lá com o mesmo afinco que serviríamos em qualquer outra unidade. Agora não nos culpe se amanhã ou depois os cavalos aparecerem nas cerimônias de desfiles e em competições, com um visual bem mais *fashion* (Militar anônimo do sexo feminino, s.d.).

Em seguida, a militar ignorando o regulamento que prega que o militar mais “moderno” deve sempre pedir permissão para se retirar, de qualquer ambiente, ao militar “mais antigo” que ali se encontrar, dirigiu-se até a saída, uma vez que a cerimônia já se havia encerrado.

Foi aí, que outro militar que ouvia a conversa, complementou ao colega de mesma patente:

É, meu caro, por essa você não esperava, e eu não duvido que aconteça isso mesmo. Já imaginou, os cavalo cheios de lacinhas verde oliva da crina até o rabo?!. Essas mulheres de hoje só parecem, mas **não são tão frágeis assim!** O futuro, meu caro, ainda vai ser cor-de-rosa (Militar anônimo do sexo masculino, s.d.) [Grifo nosso].

Se o futuro será de fato cor-de-rosa não podemos afirmar, mas não há a menor dúvida de que o século que acabou foi o de maior avanço das mulheres em toda a História da humanidade. Reconhecidas pela garra e ousadia, elas estão conquistando cada vez mais espaço no mundo inteiro, e hoje fazem história na sociedade, percorrendo novas posições em praticamente todas as atividades, rompendo barreiras, preconceitos e obstáculos.

No Brasil 20 milhões de mulheres entraram na população economicamente ativa em duas décadas e diversos fatores contribuíram para essa realidade como as mudanças nas taxas de fecundidade e o aumento dos níveis educacionais (IBGE, 1990). Porém, por mais que as mulheres tenham entrado de maneira definitiva no mercado de trabalho e estejam melhorando gradativamente a sua posição relativa, ainda é possível observar algumas ações preconceituosas em relação a estes novos papéis desempenhados pelas mulheres na sociedade.

Destacamos que nos últimos anos vêm ocorrendo um aumento substancial do número de trabalhos acadêmicos nas mais diversas concepções, perspectivas e diferentes contextos sobre os “estudos de gênero” no âmbito das ciências sociais. Pode-se dizer que essa tendência é, em grande parte, atribuída às novas figurações e condições assumidas pelas mulheres nos quadros das sociedades modernas.

Logo, para melhor compreendermos os rumos obtidos no universo dos estudos sobre gênero, destacamos como primordial a análise de sua historicidade, uma vez que como todo novo campo de estudo, nasce de inquietações vivenciadas e sofre influência do contexto sócio-cultural no qual está inserido. Como enfatiza Louro:

... constituinte do movimento feminista, os estudos de gênero e o seu conceito estão implicados lingüística e politicamente em suas lutas e, para melhor compreender o momento e o significado de sua incorporação, é preciso que se recupere um pouco de todo o processo (1997, p. 14).

Para a autora é possível observar em diversos momentos da História ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, no entanto, ao fazermos menção ao feminismo como um movimento social organizado, é possível perceber que este movimento traz em si a discussão de mudanças conceituais importantes como as questões do mundo do trabalho, da autonomia do indivíduo, o direito à instrução e a participação política.

Foi diante de um contexto de efervescências políticas e sociais, de transformações e contestações por parte de intelectuais, mulheres, estudantes, negros, jovens, etc, enfim, de diferentes grupos que, em diferentes situações, “expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, à discriminação e ao silenciamento” (Louro, 1997, p. 16), que o feminismo ganhou espaço em diversos países.

No Brasil, o feminismo foi fortemente influenciado pelo movimento dos países europeus e norte-americanos, porém com suas peculiaridades uma vez que, o país foi construído social e culturalmente a partir de suas próprias lutas. Concordamos com Goldemberg e Toscano (1992), quando afirmam que:

... a escravidão, a tardia emancipação do centro de dominação, o modelo fundiário imposto pelo colonizador português e a influência da Igreja Católica como força política e instrumento do controle social são, ao nosso ver, elementos que permitem melhor entender as peculiaridades do feminismo em nosso país. Esses elementos são os fatores mais diretamente responsáveis pelo patriarcalismo, pelo paternalismo, pelo conservadorismo e pelo machismo brasileiro” (1992, p. 25).

Nos Estados Unidos o movimento feminista obteve grande destaque e passou a enfatizar na década de 70, em seu discurso teórico, o conceito de gênero.

Nesta década os estudos feministas passaram por uma mudança epistemológica buscando equiparar o status da mulher ao do homem, onde segundo Fonseca “o mal não era propriamente na diferença, mas sim no processo hierárquico que colocava tudo que era ligado ao homem sistematicamente acima de tudo que era ligado a mulher” (1995, p. 8).

Segundo esta visão, as mulheres e os homens deveriam ser vistos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de um deles poderia ser alcançada em análises distintas, em outras palavras, não seria possível estudar a mulher sem estudar o homem, ou seja, a relação entre os sexos.

Temos então conforme observou Scott (1995) o surgimento, em meio a um contexto de mudanças e crise de paradigmas, do uso do termo gênero nas ciências sociais, expresso como um sistema de relações que inclui a questão do “sexo”, mas que transcende a diferença biológica enquanto uma característica genética e anátomo-fisiológica dos seres humanos.

Como pilar central dos estudos feministas podemos destacar, o questionamento do conceito patriarcal através de ações que preconizavam a resistência a verdades pré-estabelecidas que permeassem a produção e reprodução das relações sociais entre os homens e mulheres. Além disso, buscavam também o entendimento do gênero como uma construção social e uma luta de poder.

É através da ruptura das verdades absolutas que as construções sociais sobre o papel do homem e da mulher dão margem ao surgimento de outras verdades. É a partir da emergência do conceito de gênero que os sujeitos passam a serem pensados de forma multifacetada, ou seja, constituídos não apenas pelo gênero, mas também pela raça, etnia, classe e sexualidade.

O movimento feminino pretendia, portanto, segundo Strey (1998, p. 184): “... que o uso do conceito ou categoria gênero transformasse profundamente os paradigmas da história e de outras disciplinas do conhecimento humano”.

Porém, ainda que a problematização das relações de gênero consista em um dos mais importantes avanços feministas (Flax, 1991), pesquisar e escrever sobre gênero não significa o mesmo que pesquisar e escrever sobre mulheres.

Para Saffioti (2004) o conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres, mas a relação homem-mulher, homem-homem e mulher-mulher, e que o gênero é a construção social do masculino e do feminino.

O uso do conceito de gênero passa então a não só ter com objetivo contrapor-se às teorias que procuravam explicar as diferenças sexuais assentadas no determinismo biológico, mas também de dar conta da explicação destas como construções culturais do masculino e do feminino.

O conceito de gênero apresenta várias vertentes, que possuem diversos enfoques. Pierucci (1999, p. 125) coloca da seguinte maneira: “sexo é a base biológica, sobre o qual se constrói o gênero, um corpo sexuado como fêmea é culturalmente percebido e socialmente construído como feminino”. Esta afirmação valeria também para as linhas de raciocínios construídos entre o macho e o masculino.

Logo, relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres ao longo da história da humanidade, foram estabelecidas a partir de relações de poder e dominação, onde as diferenças entre homens e mulheres comumente se convertem em desigualdades refletidas na configuração de papéis sociais adequados a homens e mulheres.

Joan Scott (1990) destaca que as classificações realizadas a partir das características distintas, encontradas entre os sexos, seria uma maneira de indicar as construções sociais estabelecidas em determinado contexto, não sendo, assim, naturais. Desta forma, as relações assimétricas e hierárquicas que se estabeleceram historicamente nas relações entre homens e mulheres seriam igualmente resultados de interações sociais.

Os atributos associados à feminilidade bem como da masculinidade são tidos então como conseqüências “naturais” da própria ordem biológica, “tais atributos se encontram, eles mesmos, dicotomizados, com o objetivo de delimitar as esferas do masculino e do feminino” (Bandeira, 1999, p. 182).

Sobre isto Sabat, coloca que:

O lugar social das mulheres sempre foi determinado em oposição ao lugar social dos homens. Força, autoridade, virilidade, foram estabelecidas como símbolos culturais

dominantes em oposição à fragilidade, à fraqueza, à sensibilidade, características consideradas femininas. A partir desses binarismos, criaram-se códigos sociais e legislações, estabeleceram-se regimes políticos, formaram-se sistemas de significados que, [...], contribuíram para legitimar relações desiguais entre os sexos (1999, p. 85-86).

Confirmando esta análise Louro (1998) coloca que o argumento que a relação entre homens e mulheres decorre da sua distinção biológica, e de que cada um deve desempenhar um papel determinado, acabando por justificar uma disparidade. “Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem ‘científica’, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender a desigualdade social” (Louro, 1998, p. 20-21).

Os primeiros estudos sobre as desigualdades entre homens e mulheres buscavam situar os aspectos sobre o corpo e a sexualidade. As características biológicas, e entre elas as questões sobre a força física estavam no centro destas discussões.

Basicamente buscava-se uma explicação na condição humana para legitimação das desigualdades sociais, através de respostas que comprovassem que era da “natureza” feminina ser frágil e seu lugar “natural” seria a casa enquanto que a “natureza” masculina era ser forte e seu lugar “natural” seria a rua.

Conforme Louro (1998), posteriormente, estas propostas de estudos visavam não só a desconstrução da lógica das oposições binárias, como também a comprovação que esta oposição era construída e não inerente e fixa. “A desconstrução sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita” (Louro, 1998, p. 32).

Igualmente, neste momento iniciaram-se importantes processos de discussões a cerca da construção e desconstrução histórica, cultural e social dos comportamentos e das relações de poder, presentes na formação das identidades de gênero, bem como a naturalização que é construída em torno de relações sociais, calcadas na divisão entre feminino e masculino.

Isso porque a divisão entre masculino e feminino permearia as mais diferentes instâncias da sociedade, estabelecendo obstáculos entre o que são consideradas atribuições a cada pessoa, a partir de seu sexo.

Sobre a temática Carvalho (2003, p. 16) declara, “que não há um único padrão de comportamento para os homens e outro para as mulheres, mas tantos quantos forem os números de sociedades ou de situações vividas”. Isso significaria que o que é considerado como um padrão de comportamento atribuído ao sexo feminino ou masculino pode variar de uma sociedade para outra, por isso, deve-se também afirmar que gênero é um conceito dinâmico.

Assim, aquilo que é natural e aceitável para a sociedade em decorrência da cultura ocidental, como o fato de uma mulher ser independente, estudar e trabalhar fora do ambiente doméstico, pode ser considerado inadequado para outra sociedade, como em alguns países árabes, onde as mulheres não podem nem sequer sair às ruas com partes de seu corpo descobertas pelas suas vestimentas.

Para Sabat (1998) esses obstáculos podem ser construídos de diversas formas pelos mais variados setores de nossa sociedade como: a escola, a família, a religião, a mídia e etc.

Temos então que as categorias de identidades sexuais foram social e culturalmente construídas, bem como coloca Louro:

... que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homens e mulheres num processo continuado, dinâmico, portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes. Como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida é uma categoria imersa nas instituições sociais, o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc., são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero (Louro, 1995, p. 103).

Considerar então o gênero como resultado da construção social, ou seja, constituído pelas relações sociais, instituições, símbolos, formas de organização social, discursos e doutrinas, significa também que não apenas sociedades diferentes teriam diferentes concepções de homem e mulher, como também no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, a idade, etc.

O lugar das mulheres e homens, bem como os papéis a serem desempenhados por ambos na sociedade, resultariam de uma construção histórica e sociocultural que, ao longo do tempo, acabaram sendo naturalizados e tomados pelas sociedades como

essência, exercendo, assim, um peso significativo no comportamento social de ambos os sexos.

Ao nascermos seríamos definidos como pertencentes ao sexo masculino ou feminino, mas efetivamente só tornamo-nos homens ou mulher na medida em que assumimos comportamentos e desempenhamos funções e papéis sociais que ao longo da história foram considerados como femininos e masculinos.

Assim, desde cedo, aprendemos como devemos nos comportar de modo a sermos percebidos pelos outros, e por nós mesmos, enquanto meninos e meninas. Detalhes sutis como os brinquedos infantis já preparam as crianças para assumir seus lugares seja no espaço privado ou no espaço público. São exemplos disto o carro e a pistola, reservados ao masculino, que simbolizariam o espaço público e representam a violência, a decisão, o domínio. Já a boneca e os utensílios domésticos reservados ao feminino estariam associados ao trabalho da casa e à maternidade, ou seja, simbolizam o espaço privado.

Simone de Beauvoir na sua célebre obra **O segundo sexo**, resume tal pensamento da seguinte forma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico ou econômico, define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Só a medição de outrem pode constituir um indivíduo como outro (Beauvoir, 1987, p. 13).

Logo, assumimos que gênero diz respeito à construção social do masculino e do feminino, a partir dos moldes estabelecidos pela sociedade para homens e mulheres, e dessa forma, vão sendo atribuídas personalidades para homens e mulheres, gerando a necessidade da existência de um ser frágil para justificar o outro ser forte, reiterando assim a permanência ainda nos dias de hoje em nossa sociedade de traços ainda bastante fortes da chamada “cultura patriarcal”.

Não foi sem razão que o “chororô” da oficial do sexo feminino incomodou tanto o oficial do sexo masculino, afinal o poder é *locus* de fortaleza e impessoalidade, não de fragilidade e envolvimento emocional. Assim como, não foi sem uma razão bastante forte que o ato de aberta subversão à norma, perpetrado pela Oficial feminina que respondeu ao comentário desqualificador feito por um seu “mais antigo” tenha levado o Oficial em questão a afirmar que as mulheres não são “tão

frágeis assim” e que um risco real de uma desestabilizante feminização do poder pode estar em curso.

4.1.2

Identidade feminina em um espaço de poder masculino

Pretendemos neste momento continuar a discutir o processo de demarcação de espaços de poder próprios a cada sexo, com ênfase no processo de formação da identidade feminina.

Segundo Hall (1990), a identidade é uma questão que está sendo amplamente discutida por vários pesquisadores da área social. Para esses estudiosos, o motivo de tamanha preocupação com a temática seria de que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estariam caindo em desuso, tendo como consequência a emergência de novas identidades e conseqüentemente a possibilidade de fragmentação do indivíduo moderno, que até o momento era visto como um sujeito unificado.

Vista como parte de um processo amplo de mudança, a chamada “crise de identidade”, estaria deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos a estabilidade de pensamento no mundo social.

Nesse sentido, concordamos com Hall no entendimento que:

A identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificados ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (2006, p. 13).

Temos então, que na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os sujeitos são confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, que poderia se aproximar, ainda que temporariamente por pequenos ou longos períodos.

Para Manuel Castells (1999) a questão da identidade deve ser vista como sendo um farol para o surgimento de mudanças sociais e culturais, tendo em vista ser um “espaço” para mobilizações contrárias às idéias homogeneizantes propostas pelo mundo globalizado.

O conceito de identidade apresentado por Castells pode ser entendido como fonte de significado e experiências de um povo, no qual os atores sociais dão origem e construção com base em seus processos culturais, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados:

Embora (...) as identidades também possam ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam construindo seu significado com base nessa internalização (Castells, 1999, p. 23).

Castells utiliza em seus estudos três tipos de identidades: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto. Cada processo de construção de identidade levará a um resultado distinto na constituição da sociedade. O autor assinala, no entanto, que os tipos de identidade apresentados não devem ser considerados isoladamente ou como algo estático, pois ao longo do tempo podem ocorrer mudanças em suas estruturas:

Identidades que começam como resistências podem acabar resultando em projetos ou mesmo tornarem-se dominantes nas instituições da sociedade, transformando-se assim em identidades legitimadoras para racionalizar sua dominação (Castells, 1999, p. 24).

A identidade legitimadora origina-se a partir das instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação. Elas estarão presentes em atores sociais estruturados e organizados, porém muitas vezes de maneira conflitante.

Tida como a mais importante entre os processos de formação de identidade em nossa sociedade a identidade de resistência surge junto aos indivíduos sociais que se encontram excluídos do círculo social.

E a identidade de projeto é a construção de uma nova identidade, apoiando-se na cultura, capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a

transformação de toda estrutura social, a partir da revolução dos seus papéis e de suas posições na sociedade contemporânea.

Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem.

Castells (2006) chama a atenção para o processo de formação de identidades feministas, ao afirmar que o feminismo deve ser discutido a partir de seu reconhecimento como movimento cultural, o que implica o questionamento do modelo de organização patriarcal.

A construção das identidades dos sujeitos sejam eles homens ou mulheres, se constituem a partir da multiplicidade de subjetividades que são transmitidas ao gênero humano, graças às influências externas que esses indivíduos estão expostos, relacionados às características históricas, sociais, culturais, político, ideológico, etc.

Isso significa dizer, que para a construção das múltiplas identidades, os indivíduos podem utilizar vários tipos de matérias-prima, como as extraídas dos momentos históricos significativos, das instituições produtivas e reprodutivas, da memória coletiva, das fantasias pessoais, dos aparatos de poder e crenças de cunho religiosas, que transmitem a esses sujeitos, significados e características simbólicas que são reproduzidas por ele.

Em linhas gerais, quem constrói a identidade, e para quê essa identidade é construída, são em grande medida, os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam.

Para Louro, uma das estudiosas brasileiras desta temática na atualidade, compreender as identidades sexuais e de gênero implica mudanças extremamente significativas.

Trata-se de assumir que todos os sujeitos são constituídos socialmente, que a diferença (seja ela qual for) é uma construção feita – sempre – a partir de um dado lugar que se toma como norma ou como centro. Mas, não há como negar que a disposição de questionar nosso próprio comportamento e nossas próprias convicções é sempre muito mobilizadora: para que resulte em alguma transformação, tal disposição precisará ser acompanhada da decisão de buscar informações, de discutir e

trocar idéias, de ouvir aqueles e aquelas que, histórica e socialmente, foram instituídos como “outros” (1997, p. 141).

Logo, a identidade deve ser considerada como um processo histórico-cultural de cada indivíduo, cuja noção deve ser entendida em diferentes percepções, ou seja, múltiplas identidades de gênero. Pois não nascemos homens e mulheres, nos tornamos tal, conforme as possibilidades inseridas dentro do papel histórico de cada sujeito. Sendo assim, se um sujeito pode apresentar em diferentes situações diferentes identidades, selecionadas do estoque de identidades que constituem a identidade social. No caso das mulheres, tradicionalmente, as referências compuseram suas identidades foi fundamentalmente as de filhas, esposas e mães.

Podemos dizer então, que ao refletirmos sobre a identidade feminina veremos que até bem pouco tempo, ela estava sendo construída e associada apenas ao espaço doméstico, cujas características estavam intrinsecamente ligadas ao papel que assumiam dentro do âmbito familiar.

Para entendermos então o papel atual desempenhado pelas mulheres é preciso analisar ainda que brevemente o desenvolvimento da identidade feminina e as modificações pelas quais ela vem passando nas últimas décadas.

Como recorte para esta reflexão, iniciaremos a partir das sociedades pré-capitalistas e industriais, quando já se considerava as diferenças entre homens e mulheres e já existia uma divisão de tarefas entre os sexos no cotidiano familiar, sem, no entanto haver espaços demarcados ou normas rigidamente estabelecidas quanto à atuação de ambos na sociedade.

Neste período, a unidade doméstica era vista principalmente como uma unidade de produção (Bruschini & Rosemberg, 1982). Assim, embora as mulheres cuidassem de seus filhos e de outras tarefas domésticas, ambos os sexos trabalhavam e estavam comprometidos com as atividades de produção e sustento das famílias, onde os ganhos financeiros provinham desta forma, da atuação tanto do homem quanto da mulher. Nas palavras de Bruschini & Rosemberg: “historicamente, as tarefas domésticas, embora restritas à unidade familiar, eram executadas ao lado de outras atividades ligadas à produção social” (1982, p. 9).

No decorrer do século XIX, fatos como a consolidação do sistema capitalista, o crescimento da urbanização e o surgimento da sociedade industrial, com seu grande avanço tecnológico, entre outros, proporcionaram mudanças significativas na vida de homens e mulheres.

Neste período os espaços foram fortemente delimitados e a unidade doméstica e de produção passaram a constituir duas esferas distintas: a esfera “pública”, onde ocorria o trabalho remunerado da produção social, e a “privada” composta pelo espaço doméstico da família (Rocha-Coutinho, 1994).

Esta delimitação dos espaços forneceu um novo delineamento dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres: aos homens destinou-se a esfera pública, ou seja, o trabalho remunerado exercido fora de casa e o sustento da família, enquanto que as mulheres ficaram responsáveis pela esfera privada, que englobava o cuidado dos filhos, do lar e do marido.

Segundo Rocha-Coutinho (1994) algumas características passaram a constituir os núcleos identitários feminino e masculino: as mulheres estariam vinculadas à reprodução, à natureza, ao corpo e à emoção, enquanto que os homens estariam vinculados à produção, à cultura, à mente e à razão.

Dedicação, ternura, fragilidade e submissão passaram então a ser características atribuídas às mulheres e, de forma distinta, racionalidade, interesses políticos e assertividade constituiriam o “modo de ser” masculino. Esperava-se da mulher certa passividade e dos homens, uma posição energética (Giffin, 1999).

Contudo, ao longo da segunda metade do século XX essa visão se alterou, e quem contribuiu para isso foi à própria mulher que passou a exigir seus direitos para além do espaço privado, contestando os traços patriarcais da definição de papéis femininos e masculinos, com ênfase no questionamento da reclusão feminina ao espaço doméstico, iniciando o que podemos chamar de “crise da família”.

Desta forma, as chamadas “identidades” masculinas e femininas fundadas sobre a divisão do espaço público e privado, tidas como verdades inquestionáveis, começaram a sofrer inúmeros questionamentos por parte do público feminino em decorrência de uma série de fatores como aumento da escolaridade feminina,

aumento da participação em ações políticas, sindicais, artísticas, culturais, redefinindo a concepção de família e de relações de gênero.

Ao longo do século XX as mulheres começam então a vivenciar novas experiências. Destacamos aqui, uma das consideradas como primordial para a formação da identidade feminina: as novas funções trabalhistas. As mulheres passam a ocupar mais espaços no denominado “mundo do trabalho”, e automaticamente mais espaços na “esfera pública”. Segundo Rocha-Coutinho (1994), inicialmente as mulheres exerceram atividades como: vendedoras no comércio, recepcionistas e secretárias, além das atividades que já eram mais comuns, como as de professoras e profissionais da saúde.

Segundo Bruschini (1994), este aumento da força de trabalho feminina se deu por várias razões, entre as quais a autora destaca: a necessidade econômica de complementar a renda familiar; a expansão do mercado de trabalho; a crescente urbanização e a aceleração do ritmo de industrialização.

A partir dessa expressiva entrada das mulheres no espaço público, a identidade feminina passa a incorporar também o referencial da profissão e com isso aciona um leque de novos elementos, tanto no palco das subjetividades como das representações sociais. Assim, as mulheres passam a atuar nos diversos campos sociais, a serem identificadas socialmente e a auto-identificarem-se como profissionais, além das identidades acumuladas anteriormente de esposas e mães, por exemplo.

A mulher atual apresenta uma identidade emancipada, isto é, separada da masculina, fruto de sua busca por maior visibilidade, tanto dentro do espaço privado como do espaço público. No entanto ela ainda permanece associada à família, aos filhos, ao lar, acumulando, portanto inúmeros papéis e identidades.

4.1.3

Mulher militar: uma identidade feminina recente

Ao longo do último século, a mulher viu a ampliação de seus direitos enquanto ser humano e principalmente enquanto cidadã tornar-se a cada dia uma

realidade mais concreta, o que impulsionou importantes mudanças no desempenho de seu papel na sociedade.

Com o surgimento de novos direitos vários setores da sociedade passaram a ser freqüentados e ocupados por mulheres. As mudanças advindas neste período impulsionaram as mulheres não só para o mundo das ciências sociais como para o mundo do trabalho como um todo, que passou a receber cada vez mais trabalhadoras.

Com a crescente participação social feminina na década de 1980 as Forças Armadas, inicialmente através da Marinha, abriu-se para as mulheres, que passaram a receber formação e a integrar os quadros militares.

No Exército a criação do segmento feminino só foi possível em 1992 mediante a concurso público para a Escola de Administração do Exército (EsAEx), em Salvador, Bahia, para o Quadro Complementar de Oficiais (QCO) criado em dois de outubro de 1989.

Sobre o início do processo, a militar abaixo relata as dificuldades encontradas e as suas percepções sobre aquele momento:

... é impagável o sentimento que você está fazendo de alguma forma, parte da história. Você poder dizer eu fui uma das primeiras... A que abriu as portas. Por que foi mesmo uma abertura de portas. Ninguém sabia muito bem como lidar com as coisas, era uma mistura de sentimentos: de um lado ninguém querendo nós tratar como diferentes, sendo o mais rígido possível, e ao mesmo tempo um freio invisível que buscava dosar as ações entre o que era normal e o que era excesso (Militar 1).

“Dificuldades? Eu nem sei por onde começar. No início foi de tudo, nós em nos acostumarmos aos costumes institucionais e a instituição a se acostumar com os costumes femininos. Que eu nem sei bem se podem ser chamados de costumes, eu acho que fica melhor usar a palavra necessidades. Por que foi meio isso que acontecia no início, é começar a pensar no tipo de alojamento, no tipo de vestimenta, em termos de estrutura como um todo. Dá pra pensar, em como foi colocar um bando de mulheres em um lugar onde por anos só passou homens, é ter que adaptar tudo, inclusive as pessoas. Você entende? (Militar 1).

No início era pressão para tudo, tudo era novo e precisava ser absorvido rápido por todas, você tinha que modificar tudo aquilo que você tinha trazido da vida civil da noite para o dia, toda bagagem de costumes e até hábitos mesmos que lá fora [no meio civil] é tido como regra da boa convivência, aqui [meio militar] a regra é outra. A questão de me acostumar com a hierarquia é um exemplo disso, é algo que impacta no primeiro momento, Você nova, recém chegada vai lidar com pessoas que tem anos na instituição e, além disso, é uma pessoa muito mais velha do que você... para mim parecia normal dizer: “O senhor sabe como eu consigo isso? O senhor pode fazer isso para mim?” E os superiores ficavam o tempo todo me chamando a atenção: “Senhor não, é você, porque ele é sargento”, mas ficava sempre aquele

conflito do que você aprendeu durante toda a sua vida e o que estão te passando agora (Militar 1).

Podemos dizer que os procedimentos adotados pelas três Forças para a admissão das mulheres em seus quadros foram bastante semelhantes. Inicialmente, as mulheres foram inseridas em atividades que desempenhavam basicamente funções administrativas ou as ligadas ao tratamento e a recuperação da saúde. Isto equivale dizer que elas foram admitidas desde que limitadas a algumas funções consideradas de "natureza" feminina, não podendo ocupar funções ligadas ao combate ou as que exigissem longos períodos longe do lar.

A admissão de mulheres na caserna gerou uma série de preocupações, como a confecção de novos regulamentos e a construção de novos espaços bem delimitados para homens e mulheres. Ao analisarmos o depoimento de um militar do segmento masculino sobre a adaptação entre os segmentos nesse período, observamos que o intuito da instituição com essa linha de ação foi salvaguardar a mulher de problemas ou constrangimentos com a convivência com os militares do segmento masculino, desacostumados com a presença feminina na instituição militar.

... eu não sei nem te dizer se foi mais difícil para nós homens ou se foi para as mulheres. É que agente sempre teve a idéia que as Forças Armadas são lugar de homem e de repente aparece um monte de mulheres, mandando em você, que têm não sei quantos anos de casa, e todo mundo via que elas nem sabiam o que fazer. Mas aí têm o outro lado e pô tu fica com pena porque elas estavam mais perdidas do que cego em tiroteio, e na maioria, como pessoa eram gente boa, estavam se esforçando (Militar 6).

... tudo era separado, em todas as instruções era reforçado o cuidado com o trato com as mulheres, tudo era motivo para te punir, como forma de mostrar que era para você ficar longe, para evitar problema (Militar 7).

... nós não estávamos acostumados a conviver com mulheres, e só homem junto a coisa fica bem mais largada, na hora do descanso por exemplo nós íamos para a sala de jogos e ficávamos sem camisa, a vontade, falando besteiras. Quando elas entraram, no início até esquecíamos e saía todo mundo sem graça para se recompor, fora que era um comentário só, de qual era a mais bonita, a que mandava melhor, essas comparações que homem faz. Mas não tinha jeito também, a onde elas iam chamavam atenção e eu acho que tudo que elas queriam era passar despercebidas, bem moita (Militar 7).

No que diz respeito ao ambiente militar como um todo, percebeu-se pela fala dos entrevistados que ocorreu a necessidade das mulheres se adaptarem rapidamente

ao ambiente onde existia uma maioria de indivíduos do sexo masculino, por conta do número pequeno delas por instituição:

... quando você está em um número bem menor, como é o caso de algumas militares que estão em unidades operacionais ou pequenas, você tem que ser esperta e pegar tudo rápido porque se não vão falar que só porque você é mulher está atrasando o grupo (Militar 3).

No geral a convivência em uma OM sempre é boa, o que não significa que seja sempre tranquila, mas isso eu acho que é independente do sexo. Embora, quando se conviva mais com homens, você acaba se adaptando a certas coisas e criando imunidades a outras (...) a falta de higiene as vezes é uma delas (risos) (Militar 2).

Acontecia às vezes, de um instrutor falar que só tinha macho no local e, tinha uma mulher escondida lá no fundo. Eles ficavam sem graça e nos brincávamos que de farda e pelo nome de guerra ficava mesmo difícil saber quem era quem. Mas hoje isso é quase raro. Dependendo do lugar, se for uma OM administrativa, se bobear nós somos até maioria, ou pelo menos já conseguimos nos fazemos presente (Militar 1).

... quando você é a única mulher do grupo, e dependendo da situação, você tende a perder um pouco a poder de voz, aí para convencer os homens de que você está certa, só com muito jogo de cintura, se chegar batendo de frente, não vai conseguir nunca o apoio da equipe (Militar 4).

Mas segundo as militares este processo de adaptação, mesmo após alguns anos da inserção do segmento feminino ainda deve ser considerado em andamento. Ainda mais quando se trata de questões estruturais e de comportamento:

Já se passaram quantos anos desde que as primeiras mulheres entraram e até hoje tem unidades que não possuem alojamento feminino, ou pior ainda que não possuem banheiro feminino, e isso é sempre um problema né, porque se você for escalada para fazer alguma coisa nessa unidade, tiver algum treinamento, é só chega lá para trocar de roupa e ficam todos como baratas tontas tentando achar um lugar pra te enfiar (Militar 2).

Nós temos muitos problemas ainda com questões básicas como o nosso uniforme. É difícil você achar um chefe que saiba exatamente como é um uniforme feminino, e isso gera um certo transtorno porque eles querem te cobrar que você vista uma coisa e nem sabem ao certo se está previsto no regulamento (Militar 4).

Às vezes aparece um querendo que você use um sapato com salto, outro que você não use saia, outro que quer te cobrar a altura que você prende o seu cabelo. Tudo está previsto no regulamento, mas nem sempre eles sabem o que está escrito e aí vai ao RQuero² (Militar 2).

² Expressão utilizada pelo militares que faz uma analogia a invenção de normas que já estão previstas em regulamentos próprios segundo a opinião de quem está na posição de comando.

... já se imaginou indo a uma festa fantasiada e quando você entra no ambiente crente que vai arrasar e quando você vê o traje da festa não é fantasia é longo e todo mundo te olha ao mesmo tempo por onde você vai, e fica assim a noite toda? Assim que é a sensação quando vamos a uma OM que não tem nenhuma mulher servindo, eles não estão acostumados, nos tratam pela hierarquia, mas fica sempre aquele clima estranho (Militar 3).

Como alguns lugares ainda não estão adaptados, as mulheres ficam excluídas de algumas missões como é o caso de tirar serviço em unidades que não possuem alojamento feminino, isso é ruim? Por um lado é, já que você vê que quando se trata de proporcionar uma igualdade das atividades desempenhadas pelo segmento feminino com os homens tudo vai a passos lentos, mas por outro lado é bom já que as mulheres de certa forma são beneficiadas com uma escala a menos, na verdade nessas horas acho que a mulherada até esquece esse papo de igualdade (Militar 5).

As mulheres estão o que? Há quase 20 anos? E ainda não chegaram a conclusão sobre os nossos uniformes, não existe em determinadas fardas como o camuflado um tamanho proporcional específico para as mulheres, nós é que levamos em alfaiatarias para que eles adaptem os uniformes, a própria saia do uniforme foi oficialmente alterada esse ano, com a nova [que possui um macho a frente] é possível marchar ou subir nas viaturas sem problemas (Militar 4).

A pior coisa que eu vejo em termos de adaptação além das questões que envolvem o espaço físico da instituição, eu acho que é em relação a própria questão dos comportamentos, da questão do relacionamento profissional, por que quanto só tinham homens era uma coisa, com a entrada das mulheres eles tiveram que se acostumar com saídas para licença maternidade, pré-natal, dia de ir em reunião escolar, levar filho ao médico, porque o militar homem deixa essas obrigações para a esposa, mas se você é a militar, mãe e esposa, fica difícil conciliar (Militar 1).

As adaptações de um universo tipicamente masculino ao universo feminino, segundo as entrevistadas, causaram um possível desconforto em alguns militares, que não reconheciam a entrada feminina como uma necessidade da Força:

... eu já ouvi relatos de colegas que vivenciaram muitas discriminações quando chegaram em suas OM's, porque ouviam que o EB estava melhor sem mulheres, que estavam mudando tudo por elas e que ele ia ficar mais frouxo por isso (Militar 1).

Quando eu cheguei para me apresentar, tinha eu e mais umas cinco mulheres. Colocaram a gente em uma sala que estava toda empoeirada e cheia de sujeira no chão. Assim que entramos o chefe disse que no final da sala havia vassouras e que podíamos começar a limpeza, de fato iniciamos e só depois fomos aprender a função. Hoje eu vejo que aquilo foi um ato de pura ignorância, para nos constranger e tentar mandar o recado de qual era o nosso lugar. Se eu tivesse a maturidade que tenho hoje não faria, mas a vida é assim você só aprende apanhando (Militar 4).

Segundo Mattos, é possível que para superar esses sentimentos de desconforto expressos pelos diversos tipos de reações negativas masculinas algumas mulheres

tenham optado pelo processo de “homogêneização” do masculino, ou em outras palavras a masculinização do feminino como forma de defesa a este fenômeno:

As mulheres não parecem ter descoberto uma forma expressiva de vivenciar sua condição, colocando em xeque os pontos centrais da dominação, mas sim, parecem ter tomado o modelo masculino como o modelo a ser seguido. Desta maneira, não se toca na estrutura da dominação, mas se luta para deixar de ser o pólo dominado para passar a ser o pólo dominante (2006, p. 158).

Dessa forma, as identidades profissionais acabam sendo também identidades sexuadas. Toda vez que um homem assume uma função considerada feminina, ele perde seu valor enquanto macho; assim como a mulher que assume funções consideradas masculinas, pode passar a ser vista com menor feminilidade. Sobre essa masculinização do feminino os entrevistados colocam como um fato recorrente a ser observado entre os militares que integram o Exército Brasileiro:

Quando se entra na Força você ainda não têm a “manha”³ direito de como as coisas funcionam. Aqui com um rostinho bonito e uma fala mansa quase ninguém vai te levar a sério como deveria. Aí você tem que incorporar um jeito bem rústico, quase um homem que rapidinho começam a te levar a sério (Militar 3).

... se chega um homem e fala um monte de gírias militares, palavrões, fala alto e coisa e tal, todo mundo se movimenta para cumprir a ordem aí chega você toda enquadrada, com trejeitos bem femininos e o máximo que consegue e que te olhem com cara de “que delicada essa tenente”, mas ninguém se mexe. Aí o jeito é seguir o modelo masculino de ser e botar para quebrar. Sem perder o respeito com ninguém é claro (Militar 2).

É até chato falar, mas tem umas mulheres aqui que Deus me livre parecem até homem e não é só aparência não é em tudo no jeito de falar, de se expressar, de andar, de costas você nem sabe quem é quem de tão homem que essas mulheres são (Militar 7).

Eu particularmente não gosto de lidar com essas mulheres todas masculinas, que falam igual homem, xingam. Alias o que eu gosto da minha chefe é justamente isso, ela consegue ser séria, exigir respeito, se impor, sem precisar, ficar igual um homem. Eu acho até que todo mundo gosta dela por isso. Mas eu sei também que tem seção, principalmente aquelas cheia de milico cascudo, que se elas não forem assim ninguém vai dar ouvido (Militar 6).

... eu não sei nem como explicar. Mas se for ver as militares que servem em quartel de tropa, se você comparar essa militar com qualquer outra da turma dela, com a mesma formação civil, com a mesma formação militar, mas que foi servir em uma unidade administrativa, é bem possível que você encontre muitas diferenças, em termos de postura, de fala, de trejeitos militares, mesmo o regulamento sendo um só. E isso é até lógico, lá elas são a minoria e acabam ficando o mais parecidas possíveis

³ Expressão utilizada como sinônimo de astúcia, habilidade, artifícios.

com os homens para não chamarem muita atenção, é como tentar ficar na massa, para não ser lembrado. Aqui a gente sempre diz que: - quem não é visto, não é lembrado – e meio que isso (Militar 1).

... todas nós já vivenciamos em momento ou outro na profissão de bancar o homenzinho para termos voz, ou para sermos respeitadas enquanto militares. E vou te falar não é só aqui dentro não viu, aí fora também tem muito civil que se fosse não for tão dura quanto um homem, fica achando que é fácil te enrolar por que você é o sexo frágil (Militar 3).

É importante ressaltar que muitas mulheres que aceitam essa idéia do sexo frágil colocam-se na posição de vítimas de uma sociedade desigual (Rapkiewicz, 1998), o que pode contribuir para a permanência dessa visão, uma vez que as próprias mulheres se vêem como menos capacitadas e, portanto, com o direito de serem tratadas com privilégios e regalias. Pelos relatos abaixo fica claro que o conceito de “sexo frágil” não é bem aceito pelas militares, porém as mesmas apresentam discursos contraditório do que seria ou não privilégios e regalias dados por serem mulheres.

... eu brigo para que ninguém diga que eu estou sendo favorecida por ser mulher (...) Eu acho que todos nós entramos para uma Força Armada sabendo que nem tudo são flores. Agora também tem que pensar o seguinte tem coisas que fica difícil de uma mulher fazer e já para o homem é mais fácil (Militar 3).

... eu sei que o serviço por exemplo é uma das maiores polemicas aqui dentro porque os homens dizer que estamos sendo privilegiadas pelo fato de sermos mulheres e não estamos participando de todas as escalas, o que no fundo é uma grande verdade, a desculpa de que estão aguardando a construção de alojamento adequados para nos incluírem é só papo. As Sgt já estão desde o início tirando esse serviço. Se elas podem por que não podemos? (Militar 2).

... eu não considero as mulheres como sexo frágil. Eu acho até que somos muito mais fortes que os homens para algumas coisas, mas não acho privilégio se nos poupam de algumas missões (Militar 3).

Outra questão abordada por algumas entrevistadas foi em relação ao fato que mesmo tendo uma escolaridade igual ou superior aos militares do sexo masculino, em determinados momentos, encontraram dificuldades para se afirmar enquanto profissionais, por ter que competir não só quanto a sua capacidade, mas também pelo fato de ser mulher:

Sobre esse assunto, Rapkiewicz (1997) declara que no mercado de trabalho de trabalho existe tanto uma segregação horizontal, com as mulheres se concentrando

em determinadas funções e profissões, quanto uma segregação vertical, isto é, as mulheres apresentando maiores dificuldades de acesso do que os homens em determinadas oportunidades de trabalho como é o caso da ocupação de postos de chefia.

Assim a sociedade, através da criação de padrões, gera estigmas que são absorvidos e aceitos por todos e todas. Portanto, quando uma mulher se dirige para campos profissionais, que não aqueles já conhecidos tradicionalmente como guetos femininos, a sociedade coloca em dúvida a sua capacidade de ação, sem levar em conta que as especificidades do ser humano independem do sexo.

... tinha vezes que você era responsável pela criação do projeto do início ao fim e quando chegava o dia de apresentar ao comandante para aprovação o chefe designava um outro Oficial do sexo masculino para fazer a apresentação, e dizia que isso é porque os homens são mais objetivos e falavam a mesma língua (Militar 5).

... é uma situação difícil quando estão sendo feitas as divisões de projetos e você escuta que não vão te colocar para desenvolver este, porque neste projeto você vai ter que lidar direito com o Oficial X e ele não gosta de trabalhar com mulher. Com isso nós perdemos boas oportunidades e ainda somos obrigadas e ser distribuídas por sexo e não por capacidade (Militar 3).

... eu vejo que nós mulheres já fomos muito discriminada aqui dentro, acredito que as pioneiras tenham aberto muitas portas e a situação hoje já pode ser considerada quase que de igual para igual. Eu digo quase porque isso vai depender muito da cabeça do comandante, do chefe e assim por diante. Tem chefe que adora trabalhar com mulheres porque somos detalhistas, outros porque nos somos teimosas e brigamos até o fim para cumprir a missão e outros simplesmente não gostam pelos mesmos motivos. O fato é que estamos aí, e se fecharem a porta com certeza alguém dá um jeito de pular a janela. Não dizem que ninguém segura uma mulher contrariada? (risos) (Militar 2).

De acordo com Rius (2004) isso demonstra a existência de barreiras ainda presentes, que são muitas vezes sutis e invisíveis, e que dificultam o avanço para um equilíbrio entre os gêneros.

Pelos relatos acima é possível perceber que a idéia de gênero como um fator biológico que justifica a desigualdade da divisão social dos papéis sexuais é ainda que em menor escala difundida no meio militar e apesar de alguns avanços, limita a atuação das mulheres nestes espaços.

D'Araujo (2000), ressaltar que existe ainda hoje uma grande tendência das autoridades militares brasileiras em classificar o mundo feminino como essencialmente diferente e mais frágil do que o mundo masculino, daí a

imposição de limitações às atuações das militares, sob o argumento da proteção a este segmento.

A construção de padrões de identidades está associada à sociedade na qual cada indivíduo está inserido, ou seja, é a partir das práticas sociais compartilhadas no dia a dia que ocorre a formação da identidade.

A sociedade cria, portanto, características sociais que deverão ser incorporadas por homens e mulheres seguindo os padrões do que é considerado masculino e feminino, não havendo espaço para percepção da diversidade. Constroem-se estereótipos, como aqueles em que o homem é racional, forte, corajoso e agressivo, enquanto a mulher é delicada, emotiva, passiva, dócil e amorosa.

Confirmando esta análise Goffman (1988, p. 11) declara que:

... a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, isto é, a sociedade fornece atributos sociais que, quando diferente daquilo que é considerado como um “padrão normal”, e visto como um estigma”, que podem gerar inúmeros tipos de discriminações, por serem considerados como comportamentos “fora do padrão.

Pela fala das entrevistadas é possível perceber que existe no meio militar certa divergência entre o que se espera do comportamento de uma militar do segmento feminino. De um lado estão todos os estereótipos do que seria um comportamento feminino e de outro os estereótipos do que seria um comportamento de um militar. Uma vez que a instituição possui como uma de suas premissas servir ao país e dedicar-se inteiramente aos deveres da pátria, mesmo se preciso for com o sacrifício da própria vida.

... se você chega falando alto, tem os gestos mais rústicos, ou se destaca em uma atividade tida como masculina como o tiro, por exemplo, eles logo falam: credo nem parece que é mulher; aí têm outras horas que eles ficam falando que você tem uma atitude ou outra, só porque é mulher; que mulher é que fica com frescura e ficam exigindo que você tenha uma postura masculina. É o caso de você proibir, por exemplo, que na sua seção seja utilizado demasiadamente o uso de palavrões (Militar 2).

... quando você está fazendo um treinamento, principalmente os que envolvem atividade física, você pode perceber que os instrutores ficam logo assim: corre vocês não são capazes como os homens?, aí você vai entrar no elevador da sua OM, onde por regulamento entra primeiro o que é mais antigo e um monte de coronel te dá a vez dizendo: primeiro as damas. As vezes dá pra ficar confusa aqui, uma hora nós somos damas, outra hora nós somos militares, não têm essa de homem ou mulher (Militar 2).

... têm militares, principalmente os mais próximos de você que te tratam com um certo diferencial, se eles vêem que a missão exige força, ou que pode exigir que você seja mais enérgica eles normalmente já falam que vão e deixam você com a parte mais tranqüila. Tem outros que não já te jogam mesmo na missão braba só pra te testar, para saber se você por ser mulher não vai desistir ou pedir ajuda (Militar 3).

Na opinião de D'Araujo (2000), entre os militares do segmento masculino que compõe o Exército Brasileiro prevalece o argumento da fragilidade feminina como justificativa para algumas restrições a participação da mulher militar em algumas atividades profissionais. A referida idéia de proteção coloca a mulher no lugar de um ser que deve ser defendido em qualquer situação e nunca como agente direto do exercício da violência. Esta análise pode ser comprovada pelos relatos dos militares abaixo sobre a participação feminina em atividades operacionais:

... eu acho que as mulheres são tão capaz quanto os homens, mas que tem diferença entre um e outro tem, a mulher é mais frágil, tem menos força. Eu penso que podem ser iguais, mas pra atividades mais pesadas, para algumas unidades operacionais aí, eu acho certo não ser permitido a entrada de mulheres, porque ou vão ter que acochambrar os homens , ou vão acochambrar as mulheres (Militar 7).

Você vê por muito menos em uma situação de serviço muita mulher se desestruturar, e não é porque seja mulher, mas é porque ela vai pensar, na família, no filho, na mãe. Mulher é mais cuidadosa, mais receosa, pensa mais nas conseqüências e às vezes no meio de um combate, isso não vai valer muito, a tropa vai precisar de um líder e não de um consultor. Eu penso que essas características valem mais para a logística e não pro combate (Militar 6).

... para mim as mulheres devem continuar só nas atividades administrativas, não que elas não possam fazer igual aos homens, não é questão de capacidade que isso eu sei que é igual, e nem de força física que têm umas mulheres aí que Deus me livre, dá dois de mim, mas é que sei lá, eu acho que não é lugar para mulher, já imaginou uma mulher no meio de uma guerra, para combater mesmo, eu acho que,,, sei lá, para mim continua como está (Militar 6).

Porém as militares pensam de forma bem diferente quanto a participação feminina em atividade operacionais, e justificam para tanto que com a evolução tecnológica dos combates o quesito força física muitas vezes torna-se um elemento não tão necessário quando possa parecer.

... se hoje alguém parar para ver a evolução tecnológica da guerra, vai ver que os combates hoje não são vencidos no contato físico, e sim no espaço virtual. O país mais bem preparado belicamente é aquele cuja tecnologia permite travar combates só apertando botões. Então esse argumento que as mulheres não serão boas combatentes

por falta de força este furado. Eu acho que conseguimos com certeza apertar alguns botões (Militar 1).

... as guerras hoje são de outro jeito, estão mais informatizadas do que nunca. É claro que sempre vai existir a necessidade de um soldado preparado para o combate, mas mesmo com todas as diferenças biológicas, eu não vejo problema nenhum, nas mulheres participarem das atividades operacionais (Militar 5).

... na minha opinião os cursos operacionais do Exército podem ser freqüentados também por mulheres, como já está sendo feito com alguns. Até porque têm toda uma seleção antes, e só passaram ou concluíram a curso aquelas que forem de fatos aptas (Militar 2).

... eu não vejo nenhum problema em irmos ou não para uma guerra. Nós moramos no Rio e vira e mexe o Exército é chamado para apoiar e vai para as ruas patrulhar. Se pudermos ir para a guerra urbana, porque não podemos ir para as Guerras e missões de paz, onde qualquer estatística vai comprovar que morreram menos soldados nelas de que civis por mortes em acidente de trânsito, por doenças como a dengue ou desastres naturais no Brasil (Militar 2).

Temos então, que o processo de construção e interiorização do gênero no Exército Brasileiro, ainda pode ser visto com base na ordem social masculina, uma vez que está tão profundamente arraigada que não requer justificção: impõe-se a si mesma e ainda que não seja considerada como “natural” por todos os seus membros, permanece intacta graças as estruturas sociais tais como sua organização social e a divisão do trabalho.

O que se pretendeu ressaltar a partir dessas breves considerações sobre gênero é que tal conceito permitiu perceber o caráter social da construção simbólica das diferenças sexuais humanas a partir de esferas de representações e naturalização de espaços próprios a cada sexo, servindo como uma categoria de análise e uma nova maneira de encarar os processos históricos.

Pretendemos então enfatizar que a relação entre homens e mulheres, opostas e hierarquizadas, estão vinculadas às relações de poder de maneira indissociável, sendo influenciada de diversas formas pelos significados simbólicos de uma dada realidade social, no caso deste estudo de uma organização militar.

4.2

Outro “azimute”: para entender poder simbólico no universo militar

O poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas já existentes.

Pierre Bourdieu

Foi uma manhã regada de muita emoção a formatura de licenciamento dos soldados incorporados. O licenciamento ocorreu em função da conclusão, do tempo de Serviço Militar Inicial Obrigatório e é realizada para entrega dos Diplomas de Honra ao Mérito e os Certificados de Reservistas aos soldados que se despedem do convívio militar.

Ainda que ocorra anualmente, cada solenidade de formatura de licenciamento possui o seu destaque, deixa uma lembrança e são sempre marcadas pelo alto grau de importância e pelo envolvimento emocional que contagia a todos os presentes, sejam eles militares ou convidados.

Expectativa, medo, tristeza, saudade, insegurança, maturidade, companheirismo, são vários os sentimentos possíveis de se observar nos rostos dos jovens licenciados perfilados pela última vez no pavilhão principal. Foi neste mesmo local que alguns meses atrás foram recebidos, cada qual com as suas características, cada qual com suas histórias de vida.

Neste primeiro encontro ainda encontravam-se desalinhados para os padrões militares, receosos com o novo momento, alguns inconformados pelo recrutamento, outros entusiasmados pela oportunidade de fazer parte da instituição.

A formatura militar contou com a presença de diversas autoridades civis e militares, familiares e convidados dos ex-militares, além da banda de música de outra guarnição militar que, não só abrilhantou a cerimônia com seus acordes, como ministrou todos os comandos direcionados a tropa pelos toques de corneta.

Após o anúncio da chegada ao local da cerimônia da maior autoridade presente é dado o toque para todos os militares formados no pátio principal conforme suas escalas hierárquicas de posicionarem-se em sentido para em seguida ouvir-se o toque em respeito e homenagem ao comandante.

Passado esse momento é anunciada a entrada no pavilhão principal, da Bandeira Nacional, através do pelotão de guarda à Bandeira. A tropa em respeito ao símbolo nacional presta a continência durante todo o seu deslocamento. Todos os presentes são convidados a cantar o Hino Nacional e acompanhar o hasteamento da bandeira. Ao soar do primeiro toque ministrado pela banda os militares em forma como um ato reflexo direcionam seus olhares em um movimento rápido, porém sutil, quase que imperceptível em direção a Bandeira.

Logo após, é lida a ordem do dia pelo Comandante que ressaltou a gratidão pelos serviços prestados à unidade militar, à Pátria e à sociedade pelos jovens. Eis algumas de suas palavras:

Senhoras e senhores,

Há exatos dez meses recebemos estes jovens com o objetivo de formar a reserva mobilizável, capacitada para defender o território nacional e garantir as leis e a ordem social. Mas, simultaneamente à formação militar, este comando, programou uma série de projetos que visaram a formação da cidadania, o resgate da auto-estima e o desenvolvimento dos valores éticos e sociais, facilitando, assim, as suas inclusões sociais e profissionais, após retornarem aos seus lares. Há poucos minutos tivemos uma preciosa demonstração de civismo e patriotismo, ao vê-los entoando o Hino Nacional com orgulho, vibração, disciplina cívica, portando olhares de homens possuidores de atitudes, numa demonstração inequívoca que estão prontos para iniciar uma nova jornada nas suas vidas. Meus jovens soldados, tracei estas palavras baseado na experiência pessoal, que não me recomenda a confiar no meu equilíbrio emocional nas situações de despedidas, particularmente pelo carinho e pela enorme gratidão que depositamos em cada um dos senhores que em muito contribuíram para a melhora das nossas condições de trabalho, e tantas outras atividades que nos tornam eternamente agradecidos. Satisfeito pelo sentimento do dever cumprido, concluo esta mensagem fazendo uma analogia às instruções de orientação que os senhores receberam no período básico: que sejam felizes no **novo “azimute”**⁴ que tomarão de agora em diante; que as nossas autoridades políticas e empresariais sejam os “homens-ponta”⁵, que vos direcionarão no melhor caminho a seguir; que as nossas inteligência e determinação sejam os “homens-passo”⁶, que medirão a menor distância entre este aquartelamento e as vossas inclusões sociais, e, por último, que Deus seja as vossas “bússolas”⁷ orientando os vossos destinos [Grifo nosso].

⁴ **Azimute** é a direção definida em graus, variando de 0° a 360°. Existem outros sistemas de medida de azimutes, tais como o milésimo e o grado, mas o mais usado é o Grau. A direção de 0° graus corresponde ao Norte, e aumenta no sentido direto dos ponteiros do relógio.

⁵ Homem ponto é um termo utilizado para definir a pessoa que vai a frente do grupo para servir de ponto de referencia na localização de determinado local.

⁶ Homem passo é aquele que vai contando os passos transformando em metros. Tal pessoa será seguida pelo grupo uma vez que seus passos serão sempre tidos como referência para transformar as distâncias em metros.

⁷ Bússola é o instrumento que vai orientar a direção a seguir.

Em seguida, foi realizado o desfile militar ao som de marchas militares para apresentação da tropa ao comandante seguido da saída dos militares licenciados, perante todos os integrantes pelo Portão das Armas, simbolizando a despedida dos militares da organização militar.

E finalmente é entoado o toque de “fora de forma”, quando todos os militares são formalmente autorizados a se deslocarem fora da cadência.

Diferentemente do que estamos acostumados a ver em outras organizações de trabalho civil as instituições militares, são predominantemente marcadas por um sistema de relações impregnadas de simbolismos, ritos e arraigados no consciente coletivo de todos os seus integrantes.

Weber (1990) ao analisar a características presentes nas organizações militares destaca: a ordenação hierárquica, a disciplina, o treinamento técnico especializado, a impessoalidade, as normas e os regulamentos escritos e todos os rituais culturais, como elementos poderosos que possibilitam não só a fluência da autoridade nos espaços militares, como também a padronização de procedimentos entre os seus membros o que favorecem a permanência contínua da unidade organizacional.

Marchar, desfilar, entrar em formação de combate, comandos, regulamentos, cerimonial e diversos outros protocolos estabelecidos pelas organizações militares não só para ocasiões solenes, mas também para aspectos triviais da vida de seus membros como sentar à mesa, andar num corredor, entrar em um elevador, dirigir a palavra a outrem, despachar um documento, estabelecem “como” e “em que limites” marcam o modo de vida militar como um código de conduta baseado em um poder simbólico e disseminado através do amplo exercício de suas principais características: disciplina e hierarquia.

Desta maneira, pretende-se neste trabalho abordar a existência de poder simbólico e sua simbiose com meio militar uma vez que as organizações militares apresentam em seu universo diversas simbologias que a todo tempo se entrelaçam com as estruturas racionais de seus sistemas de organização o que, direta ou indiretamente, podem influenciar na eficiência de suas estruturas.

Segundo a definição de Smircich a cultura organizacional representa o sistema de comportamentos, normas e valores sociais aceitos e partilhados por todos os membros da organização e que de certa forma a tornam única, ou seja, a singularidade que cada organização tem como valores, regras, crenças que irão aparecer através dos rituais, ritos, histórias, heróis, na linguagem, no processo comunicação, nos símbolos e nas interações entre seus participantes.

É, portanto, um conjunto de características únicas que permite distinguir a organização de todas as outras. Corresponde ao que representa a personalidade no indivíduo e transmite a forma como os membros da organização se comportam de acordo com seus sistemas de valores vigentes. Schein propõe a cultura organizacional como sendo:

Um padrão de suposições básicas – inventadas, descobertas ou desenvolvidas para lidar com os problemas de adaptação externa e integração interna – que funcionam com eficácia suficiente para serem consideradas válidas e, em seguida, ensinadas aos novos membros como a maneira correta de perceber, pensar e sentir esses problemas (Schein, 1985, p. 9).

A criação da noção de cultura organizacional não é algo recente, apareceu pela primeira vez nos anos 1970 no mundo empresarial dos EUA, e rapidamente originou um amplo debate, a partir da conscientização da importância do fator cultural nas práticas de gestão e na crença no fato de que a cultura pode se constituir como um fator de diferenciação positiva de instituições consideradas de sucesso.

Atualmente, o uso da noção de cultura organizacional como um todo representa um meio para obter a adesão e identificação dos trabalhadores a instituição a quem presta seus serviços, tanto no que diz respeito aos objetivos, a missão ou sua visão de futuro.

O conjunto de valores, de objetivos, de intenções e convicções indiscutíveis partilhados pelos membros de uma organização, pode ser definido como a sua cultura organizacional ou, mais precisamente, o seu paradigma cultural.

Enquanto cultura, a organização dispõe de meios para se representar e proporciona um contexto para a interpretação de símbolos e referências comuns, que estão na origem de valores coletivos e de sentimentos de pertencimento. As organizações funcionam como veículos de transmissão de simbolismos, cujo

significado e partilha pelos seus membros confere finalidade às práticas organizacionais.

Os estudos sobre organizações concedem mais importância aos aspectos racionais da vida organizacional do que ao seu lado simbólico. Contudo, quando entramos em uma organização ficamos expostos a expressões simbólicas que foram criadas para despertar determinados efeitos.

Na verdade, uma organização de trabalho por si só já é uma realidade rica em atividades simbólicas, que contribuem para o desenvolvimento e diferenciação da organização e habitada e construída por seres dotados de capacidade de simbolização.

O símbolo detém um caráter subjetivo, podendo corresponder a padrões de significado diferentes ou contraditórios. Pode ser criado com um significado específico e vir a ter um significado completamente diferente. Simbolizar é um processo de fixação de experiências, cujas manifestações passam a constituir pontos de referência, originando o universo simbólico de que participam os membros da organização.

A utilização quotidiana dos símbolos remete para um processo comunicativo que permite uma nova concepção das organizações, concebendo-as como realidades socialmente construídas. Esta visão dirige a atenção para a importância dos símbolos cultuados que tornam a vida organizacional possível, uma vez legitimam a ação organizacional e viabilizam o processo de organizar, ao serem reconhecidos e aceitos por todos os seus integrantes.

A organização militar assim como diversas outras organizações, também possui uma forte estrutura cultural. Nesse universo de simbolismos, que participam os membros militares, três elementos podem ser destacados que são: os aspectos físicos, os aspectos comportamentais e os aspectos comunicativos verbais.

Os espaços físicos, tidos como principais símbolos físicos que permeiam uma organização militar, podem revelar não só reflexos da postura institucional como também reforçam conceitos e atitudes consideradas como “modelos” a serem seguidos pela tropa.

Este é o caso das várias figuras artísticas reproduzidas em óleo sobre tela, bustos metálicos, paisagens vitrificadas, de momentos históricos considerados

importantes para a formação da nação bem como de militares que são considerados ainda hoje como exemplos de homens, militares e cidadãos como é o caso do Marechal Duque de Caxias⁸, do Marinheiro-Artilheiro Marcílio Dias⁹, do Brigadeiro Manoel Luís Osório¹⁰, entre outros.

Sendo assim, ao adentrar pelas instalações militares é possível perceber vários tipos de representações arquiteturais, além de quase todas possuírem um espaço temático dedicado aos momentos históricos vividos pela organização.

Podemos considerar como outro símbolo físico importante para seus membros como a própria farda. O uso da farda militar identificaria para seus membros e demais atores sociais a história e valores que compõe a instituição. Sendo assim, militar fardado não representaria apenas a padronização esperada com o uso de uniformes, ao envergá-la cada membro da instituição passa a ser a representação da própria instituição.

Através da farda é possível identificar uma série de informações a respeito do militar, tais como a escola que estudou, sua especialidade profissional, seu tempo de serviço, os cursos que realizou as missões que cumpriu e a unidades na qual presta seus serviços. Isso tudo só é possível porque a farda é considerada como a “identidade” de um militar, e nelas estão as insígnias que representam a posição hierárquica, a especialidade profissional, os cursos e condecorações que o militar que conseguiu arrecadar ao longo de sua carreira.

Podemos dizer também que a farda é o primeiro símbolo físico militar pelo qual a hierarquia militar se impõe e se concretiza, uma vez que só pelo fato de se observar um militar deslocando-se é possível reconhecer pelas insígnias se é um Oficial ou um Praça e se esse militar é mais antigo ou mais moderno do que outro militar de referencia e assim são feitos ou não os sinais de respeito como a continência ou a saudação de honras militares¹¹.

⁸ Patrono do Exército Brasileiro, sagrou-se herói pelos seus diversos feitos bélicos, entre eles a vitória na Guerra do Paraguai.

⁹ Sagrou-se herói na Batalha Naval do Riachuele, em 11 de junho de 1865, no início da Guerra da Tríplice Aliança.

¹⁰ Patrono da Arma de Cavalaria o Marechal Manoel Luís Osório atuou em diversas batalhas com destaque para as batalhas de Itororó e Avaí.

¹¹ O Art. 99 do Decreto n 2.243, de três de junho de 1997, que dispõe sobre o Regulamento de Continências, Honras, Sinais de Respeito e Cerimonial Militar das Forças Armadas, as honras

Os símbolos comportamentais militares também ganham destaque, uma vez que geralmente são previsíveis para seus membros. Embora o comportamento militar, algumas vezes possa não parecer racional a um observador, para um militar existe uma razão para acreditar que o é, ainda que com pouca clareza a importância de cada comportamento simbólico e a situação em que o emprega sendo, portanto racional para ele. Dessa forma o observador poderá ver o comportamento militar como não racional porque não teve acesso às mesmas informações ou não percebe o ambiente da mesma maneira os militares percebem.

Temos então que o meio militar possui consistências em seus fundamentos que sustentam o comportamento de todos os seus integrantes, que podem ser identificadas uma vez que não refletem as diferenças individuais.

Ao descrevermos brevemente um único dia dentro da caserna podemos perceber que são inúmeros durante o dia-a-dia militar os comportamentos tidos como simbólicos. Isso porque logo do primeiro ao último horário de um dia de serviço, podem ser observados rituais militares.

A primeira atividade de uma organização militar é chamada de “parada diária”, momento em que os militares escalados para assumirem o serviço de segurança e guarda do aquartelamento se reúnem numa espécie de formatura, onde todos os presentes ficam em forma e prestam continência ao terreno. Em seguida é realizada a revista do fardamento dos soldados que integram o grupo e orientações gerais relativas ao serviço, como o cuidado no manuseio do armamento, atenção a movimentação de pessoas não identificadas nas imediações das instalações, concentração total na atividade a ser desenvolvida, etc, após seguida é feita a verificação e contagem de todo armamento da unidade. Pontualmente às oito horas é

Militares são homenagens coletivas que se tributam aos militares das Forças Armadas, de acordo com sua hierarquia, e às altas autoridades civis, traduzidas por meio de: Honras de Recepção e Despedida; Comissão de Cumprimentos e de Pêsames e Preito da Tropa. Têm direito a honras militares: o Presidente da República; o Vice-Presidente da República; o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal, quando incorporados; os Ministros de Estado; o Superior Tribunal Militar, quando incorporado; os Militares das Forças Armadas; os Governadores de Estados, Territórios Federais e Distrito Federal; e os Chefes de Missão Diplomática. Excepcionalmente, o Presidente da República ou os Ministros Militares podem determinar que sejam prestadas Honras Militares a outras autoridades não especificadas.

realizado o hasteamento Bandeira do Brasil, momento cercado também de todo um ritual. Quem comanda a parada diária é chamado de Oficial-de-dia.

Durante o dia podem ocorrer outras cerimônias tais como: a passagem de comando, quando um comandante por motivo de transferência para outra unidade militar ou ida para a reserva remunerada¹², entrega o comando da unidade para outro Oficial, as guardas fúnebres, realizadas quando um militar falece e lhe são feitas honras militares na ocasião do sepultamento, e as formaturas alusivas às datas comemorativas que quase sempre contam com a presença de toda a tropa.

Todas as cerimônias relatadas acima são previstas em regulamento e obedecem a uma sequência “cronológica” de ações a serem desempenhadas por todos os militares, a partir do grau de envolvimento de cada um no referido evento, que pode ser maior ou menor. Exemplos disso são os militares responsáveis pela Guarda à Bandeira ou os que ocupam posições de destaque no dispositivo em virtude de promoções ou condecorações.

Os rituais militares se encerram com o “pernoite”, atividade similar a “parada diária” que ocorre ao início das atividades noturnas de vigilância. Neste momento o Oficial de dia transmite novas ordens ou reforça as já mencionadas no período diurno.

Em ambos os casos, parada e pernoite, a apresentação da tropa é realizada seguindo a cadeia hierárquica, ou seja, o sargento põe a tropa em forma e apresenta ao oficial que, feita as recomendações, devolve o comando ao subordinado imediato, que comanda o “fora de forma”.

Em se tratando da linguagem militar, símbolos verbais que podem representar determinados esquemas de pensamento, representar avaliações de situações e o grau de entendimento de determinado comando, sua importância vai para além do mero aspecto comunicacional.

Finalmente, como recursos de linguagem são criados e utilizados pelos militares os símbolos verbais que circulam e perpassam toda a dinâmica simbólica apresentada até aqui. Os símbolos verbais podem ser divididos em expressões, brados e gírias que estão presentes em quase todas as falas pronunciadas pelos militares.

¹² Ocorre quando um militar da ativa, por motivo de tempo de serviço, reforma por invalidez ou idade limite, passa a integrar o quadro da reserva remunerada. Se compararmos com a vida civil, seria o momento em que um civil solicita a aposentadoria.

Tanto os brados como as gírias são usadas pelos militares como artifícios de comunicação que, embora não oficializados pela organização, são reforçados por ela e fundamentam todo o seu funcionamento, além de legitimar suas atividades diárias. São empregadas pelos militares em diversas ocasiões e dependendo da entonação possui um significado diferente¹³. Como exemplos de brados, temos: “Brasil”, “Selva”, “Caveira”, “Montanha”, etc.

Já o emprego do recurso simbólico das gírias, pode ser observado em praticamente todas as falas e circunstâncias vivenciadas pelos militares, e uma mesma gíria também pode ser empregada em diversas situações (positivas ou negativas) dependendo da entonação dada. São exemplos de gírias: bizu¹⁴, acochambrar¹⁵, massa do sangue¹⁶, bizonhar¹⁷, etc.

Quanto às expressões simbólicas podem ser empregadas tanto em falas proferidas durante o dia-a-dia militar, quanto reforçadas pela própria instituição. Um exemplo disso é utilização de frases por figuras de destaque no meio militar em documentos administrativos, como é o caso da proferida por Osório: “É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever¹⁸” ou estampadas nos próprios muros e pavilhões das organizações militares, como a frase impressa no pátio da Academia Militar das Agulhas Negras¹⁹: - “Cadetes ides comandar, aprendei a obedecer” e do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva²⁰: - “Reserva Atenta e Forte”.

¹³ Um exemplo de aplicação de seu emprego é quando um militar recebe uma missão que não o agrada muito, ao receber a ordem ele emite a gíria “Brasil” em um tom sereno, de conformismo. Ao oposto desta situação quando um militar acaba de cumprir uma missão satisfatoriamente e é dado o comando de dispensar é também é proferido pelos militares a gíria “Brasil”, porém em um tom de extremo euforismo e vibração.

¹⁴ Sinônimo de informação sobre determinada circunstância.

¹⁵ Sinônimo de estar empregando pouco esforço em determina situação.

¹⁶ Sinônimo de um conhecimento que já está incutido no modo de agir do militar.

¹⁷ Sinônimo de executar determinada ação sem a devida atenção a mesma, podendo causar prejuízos ao bom andamento da mesma.

¹⁸ Frase utilizada por todas as OM em documentos administrativos no ano de 2009 em alusão ao bicentenário de Osório.

¹⁹ Localizada em Resende a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) é a única Organização Militar de Formação de Oficiais Combatentes de Carreira do Exército Brasileiro que tem por objetivo principal a capacitação ao exercício do comando de pequenas frações, pelotão e de subunidades de sua respectiva Arma, Quadro ou Serviço, que são elas: Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações, Quadro de Material Bélico e Serviço de Intendência.

²⁰ O Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) tem por objetivo realizar a formação militar inicial dos recursos humanos necessários à ocupação de cargos e ao desempenho das funções inerentes

Probst, Raub & Romhardt (2002) ao tecerem suas análises sobre a importância da preservação da cultura organizacional, afirmam que negligenciar a preservação daquilo que é produzido e criado dentro das organizações, pode acarretar em futuras contratações de consultorias externas com o intuito de encontrar soluções de problemas internos, ou seja, contratar terceiros para redescobrirem, ou recriarem, aquilo que já era feito, mas, que se perdeu no tempo devido à má conservação do conhecimento.

Portanto, é importante que as organizações criem, adotem e repassem seus simbolismos de forma compartilhada com todos os seus integrantes, pois é de extrema relevância que os membros de uma mesma organização falem e entendam todos os recursos simbólicos que permeiam este universo de forma que o conhecimento possa fluir eficientemente por toda a sua estrutura.

Ao pensarmos então nas diversas instituições militares como espaços de atividades humanas nos quais se desenrolam ações pautadas por um poder, que consagra valores, produz e confirma significados e tornam-se aceitáveis pelo senso comum de seus integrantes, podemos enquadrá-las no conceito de campo social definido por Bourdieu, como um espaço estruturado por posições, relativamente autônomo, com regras próprias de funcionamento e com suas próprias relações de força (Bourdieu, 1983).

A idéia de campo entendida por Bourdieu remeteria automaticamente a idéia de núcleos sociais diferenciados, ou seja, com cada campo social, com sua dinâmica específica e como resultado dessas especificidades, gera relações sociais diferenciadas, se comparadas com outros campos sociais. É o caso que será observado, por exemplo, se compararmos as relações sociais existentes em um hospital e uma universidade.

Ao fazer referência de campo como sendo um “espaço de posição social nos quais determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado”, (Bourdieu, 1989, p. 10), Bourdieu faz referência à força do poder organizado pela qual um

aos Oficiais da Reserva de 2º classe do Exército Brasileiro, seja da linha bélica, de saúde ou técnica, por intermédio do Curso de Formação de Oficiais da Reserva (CFOR), do Estágio de Adaptação e Serviço (EAS) e do Estágio de Serviço Técnico (EST).

sujeito se sobrepõe a outros com base na força das posições que cada um ocupa e de diferentes formas.

No caso específico do campo militar, essas posições já estão estabelecidas por força das leis brasileiras e dos regulamentos militares, que são baseados no princípio geral da hierarquia militar. Os diversos postos e graduações que organizam os níveis de comando devem ser vistos também como posições de poder ocupadas pelos integrantes do campo que, por compartilharem de uma dinâmica relativamente autônoma, podem diferenciar-se de outros campos sociais.

Segundo Bourdieu são nos campos sociais em que observamos o poder por toda parte e onde este poder permanece ignorado, que ele é de fato mais reconhecido pelos seus integrantes.

Para se posicionar nos campos sociais é necessário que o indivíduo seja possuidor de capital, cujas possibilidades de acumulação podem vir a ocorrer de diversas formas: por meio de investimentos, transmissão por herança, apropriação das oportunidades oferecidas, etc.

Os capitais podem ser os mais diversos possíveis como o social, o financeiro, tecnológico, jurídico, cultural, econômico e simbólico.

Para Bourdieu (1989), são essas diferentes formas de capital que permitem que o espaço social torne-se um espaço diferenciado e hierarquizado pela distribuição desigual de capitais. É de acordo com a quantidade de capitais que cada sujeito consegue acumular, que será moldada sua posição dentro do espaço social. Sem esquecer, no entanto que esse escalonamento de posições pode ocorrer a partir então de duas formas distintas: a primeira em virtude do volume de capital acumulado por cada indivíduo; a segunda, pela composição do capital, ou seja, a qualidade do capital acumulado.

A principal consequência dessa distribuição desigual de capitais que causariam diretamente a distinção entre os indivíduos, segundo Bourdieu (1989), seria a emergência de três classes sociais: as classes dominantes, definidas pela acumulação elevada de capital, as classes intermediárias, definidas pela vontade de ascensão social e pela identificação com a cultura dominante e as classes dominadas, definidas pela quase ausência de capital de todos os tipos.

Em cada uma dessas classes prevalece, no entanto, estratégias de ação que busca a conservação, a transformação ou a subversão da ordem simbólica vigente que rege o campo social, tendo em vista a possibilidade de acumular mais ou melhores capitais.

Em se tratando especificamente da dinâmica das posições no campo pesquisado, ou seja, no campo militar, teremos que nos concentrar nos tipos de capitais que ao serem apropriados por seus integrantes, fornecem a possibilidade de movimentação para posições mais privilegiadas dentro do campo. Logo, por se tratar de um campo específico, o capital de circulação também deve ser específico. Neste caso o capital militar, que por ser reconhecido pelos agentes do campo, torna-se um tipo de capital simbólico.

O capital simbólico, diferentemente das outras modalidades de capital, não é imediatamente perceptível, como o capital social por exemplo, que corresponde à rede de relações interpessoais que cada um constrói.

Ligado à propriedade de "fazer valer", o capital simbólico é, a grosso modo uma espécie de prestígio e/ou do carisma que um indivíduo possui em determinado campo. Deste modo, ao indivíduo detentor do capital simbólico é permitido o desfrute de uma posição de destaque frente a um campo, e tal proeminência pode ser invariavelmente reforçada pelos signos que reafirmam a posse deste capital como as insígnias²¹, no caso dos militares.

Às vezes eu explico algo a alguém, algo que o soldado acabou de explicar exatamente da mesma forma e aí a pessoa fala: Ah! agora eu entendi; não é difícil de imaginar que a explicação só ficou mais absorvível quando alguém com “estrelas” explicou. O soldado sempre fala isso: - para você é fácil, né tenente” (a militar

²¹ O escalonamento hierárquico no Exército Brasileiro se materializa nas insígnias que representam cada nível da seguinte forma: a graduação nos Praças é representada pelas divisas - tiras usadas nas mangas das camisas dos Praças: uma divisa corresponde à graduação de soldado, duas divisas corresponde à graduação de cabo, três corresponde à graduação de terceiro sargento, quatro à graduação de segundo sargento, cinco à graduação de primeiro sargento e um triângulo no ombro corresponde à graduação de subtenente) e os postos dos oficiais são representados estrelas (figuras em forma estelar usadas no ombro dos oficiais: uma estrela prateada corresponde a segundo tenente, duas estrelas prateadas correspondem ao posto de primeiro tenente, três correspondem ao posto de capitão, uma estrela dourada e duas prateadas correspondem ao posto de major, duas douradas e uma prateada correspondem ao posto de tenente-coronel, e três douradas correspondem ao posto de coronel).

demonstra o gesto realizado pelo soldado apontando com seu dedo indicador para o ombro, local onde se localiza a divisa militar de um oficial) (Militar 3).

... eu já vivi a experiência de trabalhar com farda e sem farda para um mesmo público e é notório que a farda te impõe respeito. As pessoas te respeitam mais, te levam mais a sério (Militar 1).

... é claro que você vê um militar cheio de insígnias, todo cheio de curso, cheio de medalhas, você já vai sabendo que o cara tem uma probabilidade enorme de ser um militar padrão e que vai te exigir um comportamento padrão (Militar 2).

... eu acho o uso da farda um facilitador. Você vai entrar na sala para falar com alguém e dá uma olhada rápida para saber se tem alguém mais antigo que você, se tiver você já tenta evitar entrar, mas se não tiver jeito vai com mais cautela, pede permissão, agora se a pessoa não esta fardada tudo fica mais difícil, visualmente falando... (Militar 5).

O capital militar simbólico pode, no entanto, se desdobrar em outros tipos de capitais, como é o caso de capital econômico, social e cultural.

O capital econômico no campo militar possui duas vertentes de compreensão. A primeira é que como servidores federais seus soldos são estabelecidos de acordo com o posto ou a graduação em que o militar se encontra, não sendo permitidas variações desse capital por favorecimentos pessoais, discriminações de gênero, ou qualquer outro tipo de ação. A segunda vertente, no entanto, diz respeito a restrições desses profissionais possuírem outros vínculos empregatícios visando a acumulação de capital econômico. Isso ocorre pelo fato de todos os militares serem funcionários em regime de dedicação exclusiva, ocasionando uma limitação legal para o exercício de atividades econômicas paralelas.

Sendo assim, a maioria dos militares sobrevive apenas com a remuneração de seus soldos, paga pelo Governo Federal e alguns já cogitam inclusive a possibilidade de buscar outros caminhos no meio civil, tendo em vista entender que a atual remuneração paga aos militares não condiz com a realidade de gastos realizados por uma família de classe média, com estruturas básicas como saúde, alimentação, educação e lazer.

Hoje uma realidade que não só o Exército vive. Mas acho que todas [as Forças]; a Marinha e a Aeronáutica também, é a baixa de muitos militares de carreira que estão procurando seguir outros caminhos com remunerações maiores. Se você vai a uma

seção no horário do almoço você vê logo que muitos estão em suas salas aproveitando o tempo para estudar e se dedicar a concursos (Militar 1).

... eu mesmo já pensei em começar a fazer um cursinho para concurso, porque eu sei que hoje o meu salário para mim é suficiente, mas quando eu tiver filhos, família pra sustentar, vai com certeza ficar mais difícil (Militar 3).

Nós militares não ganhamos mal, se comparado com o que a média da população recebe, mas se comparar com os gastos que nos temos para manter um padrão de vida considerado bom para a nossa família, com saúde, educação, lazer e alimentação, essas coisas, a realidade mesmo é que nós ganhamos mal sim, e uma renda só, fica difícil para sustentar uma família (Militar 4).

Todavia, no campo militar, ainda que de forma bastante restrita, existem linhas de ação fornecidas pela própria Instituição, que torna possível a ampliação do capital econômico pelos seus integrantes.

É o caso do aumento da remuneração em virtude das promoções previstas na escala hierárquica, das transferências de uma organização militar para outra, onde o militar recebe uma indenização pecuniária que varia de acordo com a distância de uma guarnição para a outra e das gratificações²².

Outro tipo de capital encontrado no campo militar é o capital social. Segundo Bourdieu o capital social seria:

... conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (1998, p. 67).

Para o autor, a existência do capital social estaria intimamente associada ao investimento pessoal de cada indivíduo nas relações sociais, pois como se sabe, as relações sociais são embasadas nas interações sociais fundamentais para a

²² As gratificações são acréscimos percentuais com base no soldo e podem ser recebidas pela realização de cursos, como é o caso da compensação orgânica incorporada à remuneração do militar que serviu mais de cinco anos em unidade pára-quedistas, das participações missões como a atual missão de paz da ONU no Haiti, em que o militar durante o período da missão, recebe uma gratificação em dólar de acordo com seu posto ou graduação e funções exercidas pelo militar em determinados momentos da carreira como é o caso da gratificação paga aos militares que exercem funções de comando.

manutenção e/ou renovação dos laços sociais²³. Sem esse investimento, os laços sociais acabam tornando-se mais fracos com o tempo e pode culminar com a extinção da relação.

Assim, para se produzir o capital social, é preciso que haja uma contribuição e um esforço por parte dos indivíduos, pois são eles que terão a força de cultivar laços sociais que surgirem a partir das diversas situações como: o convívio, o conhecimento dos demais membros participantes ou apenas do fato de fazer parte de uma mesma organização, fazendo com que haja um fortalecimento das redes por meio de uma estrutura sólida.

Quanto a quantidade de capital social que um indivíduo poderá acumular, Bourdieu reflete que:

O volume do capital social que um agente individual possui depende então da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (cultural, econômico ou simbólico) que é posse exclusiva de um daqueles a quem está ligado (1998, p. 67).

Ao fazermos uma análise das formas de acumulação de capital social possível para o indivíduo militar, teremos que o maior aspecto de aproximação observado no campo militar são as encontradas nas escolas de formação militar, onde pelas diversas dificuldades relatadas pelas entrevistadas advindas do processo de socialização com o universo militar, os laços sociais foram fortemente estreitados com os demais integrantes de sua turma.

... eu tenho amigos que fiz na EsAEx que eu não vejo há anos, mas não perco a amizade. Estamos sempre nos falando pelo *orkut*²⁴, e mantendo os vínculos. As vezes uma me liga pedindo ajuda, outra perguntando sobre alguma coisa, e assim vai (Militar 1).

... quando você chega no mundo militar, você fica perdida, e longe de casa todos os sentimentos ficam por um fio. Você acaba tendo que contar com pessoas que você

²³ Para Recuero (2005), os laços sociais podem ser classificados como associativos ou relacionais. No associativo não há a existência de uma ligação forte com os membros da comunidade, ou seja, não se tem relações neste tipo de ligação. Já o laço social do tipo relacional é oriundo da interação estabelecida entre membros das comunidades sendo a interação mais forte.

²⁴ O *orkut* é uma rede social filiada ao Google, criada pelo projetista Orkut Buyukkkten no ano de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos.

nunca viu, completamente diferentes de você. E isso acaba contando muito, fica pra vida toda (Militar 2).

O último e não menos importante capital acumulado no campo militar e destacado nesta pesquisa é o capital cultural, que segundo Bourdieu “diz respeito às formas de conhecimento cultural, competências ou disposições, um código internalizado, desigualmente distribuído e fiador dos ganhos de distinção” (1996, p. 562).

Para o autor a acumulação e aquisição do capital cultural que estariam intrinsecamente associados. Para Bourdieu o processo de acumulação do capital cultural iniciaria no momento do nascimento do indivíduo através da convivência dos seus membros familiares e se perpetuaria durante todo o desenvolver de sua vida como um empreendimento prolongado.

No caso do campo estudado, a acumulação do capital cultural se dá basicamente sob a forma de diplomas ganhos através da conclusão dos cursos de formação²⁵ e aperfeiçoamento²⁶, especialização e extensão²⁷.

O grau de investimento na carreira militar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com a conclusão de um curso militar. Institucionalmente falando esse retorno, ou seja, o valor do título, pode ser considerado mais alto ou mais baixo, de acordo com o grau de dificuldade para obtê-lo, daí este capital terá no campo militar uma maior ou menor valorização pelos seus integrantes.

... as pessoas aí fora, que não conhecem como funciona o ensino militar, muitas vezes pensam que nós ficamos o dia todo só marchando de um lado para o outro, todos bitolados, mas não é assim, eles não sabem que muitos de nós viemos de escolas de formação, onde o nosso currículo, se bobear, é muito mais rígido e complexo que muitas universidades, e que nossos cursos de aperfeiçoamento seguem o mesmo

²⁵ Segundo o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) são escolas de formação: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), Centro Preparatório de Oficiais da Reserva (CPOR), Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), Escola de Sargentos das Armas (EsSA), Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX).

²⁶ Segundo o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) são escolas de aperfeiçoamento: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos (EsAS).

²⁷ Segundo o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX) são escolas de especialização e extensão: Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea (EsACosAAe), Escola de Material Bélico (EsMB), Escola de Comunicações (EsCom), Escola de Saúde do Exército (EsSEEx), Escola de Instrução Especializada (EsIE), Escola de Administração do Exército (EsAEx).

padrão. Têm militares que só de você ouvir os cursos que possui você tira o chapéu, não precisa nem conhecer pessoalmente (Militar 5).

Tradicionalmente o conceito de poder consiste na capacidade de determinado sujeito de impor a sua vontade no interior de uma relação social, ainda que exista resistência de opinião em torno da ação determinada. Assim considera-se que alguém tem poder quando consegue dispor dos mais diversos recursos para fazer valer sua vontade sobre os demais atores sociais.

Essa definição de poder assemelha-se e complementa o conceito trabalhado por Julieta Kirkwood (1986, p. 97) ao afirma:

... o poder não é, o poder se exerce. E se exerce em atos, em linguagem. Conservar o poder não é mantê-lo escondido, nem preservá-lo de elementos estranhos, é exercê-lo continuamente, é transformá-lo em atos repetidos ou simultâneos de fazer, e de fazer com que outros façam ou pensem. Tomar-se o poder é tomar-se a idéia e o ato.

Partindo então desses conceitos poderíamos dizer que um indivíduo possui o poder quando o sucesso de sua ação consiste em provocar, no meio em que vive, uma ação que corresponda ao objetivo proposto, ou seja, quando conseguir induzir no outro ator o comportamento desejado.

Para tanto esse indivíduo poderá se fazer valer do uso do poder coercitivo no sentido do emprego da força física como também do uso do poder simbólico.

O poder simbólico é um poder capaz de se impor como legítimo na medida em que permite obter o equivalente ao que é obtido pela força, graças ao efeito específico que há em seu fundamento de só exercê-lo se for reconhecido pelas partes envolvidas.

Se te escalam para cumprir uma missão faltando dois segundo para acabar o expediente, fazer o que... azar militar, sabíamos que tinha dessas coisas quando entramos e alguém tem que cumprir a missão (Militar 5).

Depois que você se acostuma a rotina e tudo mais, sem a farda, as idéias do verde-oliva ficam na massa do sangue, a gente tira a farda, mas não se despe por completo (...) se você está parada, sei lá, no banco por exemplo você fica com aquela postura reta, aonde paramos parece que estamos em forma (Militar 4).

Ao contrário do que ocorre no emprego da força que obtém seus resultados através de uma eficácia notoriamente física, o poder simbólico torna-se eficiente

porque aqueles que a executam, contam com a “adesão” de sua consciência, ainda que a mesma tenha sido previamente organizada e preparada para tal, e reconhecem e crêem nela. Para Bourdieu:

... o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (1989, p. 7-8).

Ainda segundo Bourdieu (1989), o poder simbólico consiste em um poder exercido através do discurso, reconhecido e legitimado pelos demais devido à posição social de quem o profere. O que pode ser comprovado nos relatos abaixo ao justificarem a existência de uma cadeia de comando que faça valer os regulamentos e normas existentes:

Quando um mais antigo te chama atenção ou te cobra algo, se você estiver no erro paciência, com certeza você foi a instrução dos regulamentos e deveria estar na massa do sangue o que pode ou não pode fazer. Quando sou eu a mais antiga eu prefiro lidar com essa situação como uma conversa, mas se o sujeito te ignora aí você têm que agir conforme o regulamento (Militar 4).

... já pensou como seria uma zona só, se cada cabeça resolvesse fazer do seu jeito? Agir de qualquer maneira? Isso pra tudo, no modo de falar, de se expressar, de conversar. Ia ficar a meu ver impossível trabalhar com essa quantidade de pessoas cada um de um estado. A meu ver tem que existir uma padronização, e quem está em cima dita as normas. Não é assim em qualquer empresa? (Militar 3).

A cadeia hierárquica tem de existir, não para você ficar ouvindo, sim senhor não senhor e sim para existir o respeito e a coisa toda funcionar. Se compararmos o sistema de administração de pessoal do EB com outras civis, acho que saímos ganhando com todos os erros que ainda temos. Aqui se cumpre os horários, as normas e os regulamentos. Se estão aí devem ser cumpridos e alguém vai te lembrar isso se for preciso (Militar 1).

O poder simbólico seria então um elemento fundamental dentro da nossa sociedade contemporânea, no que tange aos elementos de dominação e conservação da ordem vigente. Surge diferentemente de outros tipos de poder, como uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada, que consegue impor significações aos símbolos e impô-las como legítimas a ordem estabelecida.

Percebe-se em todas as falas que existe uma completa interação entre os militares e o simbolismo que permeia esse universo de poder existente nas relações entre os diferentes níveis hierárquicos. Nessas relações fica claro que a mobilidade

entre quem tem o poder de emitir ordens e quem tem a obrigação de cumprir o que lhe é mandado é bastante lenta, e raramente ocorre resistência direta a essa dinâmica, talvez porque em função dos diversos níveis do escalonamento hierárquico salvo algumas exceções, sempre existiram elementos acima e abaixo de cada integrante.

Acho que funciona bem quando a missão é dividida cada qual com o seu “piano” para carregar, não acho legal quando um superior te paga uma missão e você ao invés de desembocá-la paga para quem está abaixo e assim vai igual a uma escadinha. É prazeroso quando você recebe a missão e essa missão é concluída por uma equipe, cada um com a sua função. Como quando eles pedem um relatório X para ser entregue em outra OM com o prazo para ontem, e você elabora relatório, o seu auxiliar digitaliza, e o outro providencia a viatura e vai entregar (Militar 1).

... as vezes você cumpre uma missão já pensando que um dia é você que vai estar dando aquela ordem, para mim serve de motivação pensar que pode demorar mas um dia a gente chega lá também (Militar 2).

... tem momentos que o mesmo EB parece ter dois mundo, um de oficiais e outro de praças, a própria instituição incentiva isso ao separar ao máximo esses dois círculos na hora de comer em ranchos diferentes, com comidas deferentes, nos alojamentos. É estranho no início porque tem colegas oficiais que são casadas com militares praças e na hora do almoço vão cada um para o seu lado, mas de, pois você se acostuma como tudo aqui dentro (Militar 5).

Sendo assim, as lutas pelo poder travadas nesse campo especificado, para Bourdieu ocorrem quando atores possuidores de uma quantidade de capital suficiente para ocupar posições dominantes, afrontam-se em estratégias destinadas a conservar ou a transformar essa relação de forças (Bourdieu, 1989, p. 375).

... eu tenho todo respeito possível pelos meus subordinados, e tento lidar com eles da melhor forma. Você precisa deles para o trabalho andar, mas tem uma coisa, ou você mantém um relacionamento com confiança, mas sem esquecer o papel de cada um ou você vai perder o controle da situação (Militar 5).

No início é mais difícil de acostumar com as pessoas te chamando de senhora, te perguntando o que fazer e esperando que você dê as ordens ou estabeleça as prioridades, se dirigindo a você para perguntar se podia passar pela sua sala e não entrar enquanto você não der a resposta. Dava vontade de sair correndo, e você não pode fazer isso, porque não é essa atitude que esperam de você (Militar 2).

Dessa forma, na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições, que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva: o habitus.

Para Bourdieu, o *habitus* seria constituído por um conjunto adquirido de padrões de pensamento, comportamento e gosto capaz de ligar a estrutura com a prática social. Assim, o *habitus* resulta da relação entre condições objetivas e história incorporada, capaz de gerar disposições duráveis de grupos e classes.

O indivíduo ingressante na instituição militar, desde o primeiro momento é submetido a uma bateria de procedimentos institucionais: rituais, treinamentos físicos e repetição constante dos modos de conduta e reconhecimento automático de dispositivos de ação²⁸, cuja função parece ser a “naturalização” dos princípios valores e crenças militares, forjando a construção de um novo indivíduo, cuja nova identidade é reconhecida a partir da idéia do pertencimento a um “mundo diferente”, **outro azimute**, em outras palavras: o deixar de ser civil (paisano) para ser militar.

Logo que você chega, no primeiro dia, são dadas várias palestras sobre tudo, sobre o Exército, sobre comportamentos, rotinas e principalmente sobre ser militar, é tanta informação que você chega a achar que não está entrando nada, eles começam: “Ser militar é ter uma postura ativa, valorizar os preceitos da instituição, garantir a soberania da pátria, etc...”, é isso 24 horas por dia, chega uma hora que você nem pensa mais já vai no automático (Militar 2).

... aqui as informações não são simplesmente colocadas em um quadro de aviso, todas são transmitidas conforme o seu grau de complexidade, e os canais podem ser desde as formaturas gerais, o bom dia com o comandante, a reunião com o chefe da seção, as palestras de orientações gerais, as instruções de atualizações de procedimentos, em fim, de um jeito ou de outro vai chegar até você (Militar 4).

... não importa se esta chovendo, se está sol, se está calor ou se esta frio, se está previsto uma formatura e para que essa formatura seja perfeita está previsto um treinamento ele vai acontecer, e vai acontecer quantas vezes forem necessários até o padrão ser excelente (Militar 3).

Nesse caso o poder ministrado pela instituição ocorre de forma que seus integrantes “naturalizem” a idéia de uma vontade comum tendo em vista um mesmo fim e não como resultado de uma vontade alheia para os próprios fins.

... massa do sangue – é uma das expressões mas usadas aqui dentro, quando você erra alguma coisa que já foi falada já vem logo um te cobrando e solta: “já era para estar

²⁸ Como ordens, posturas corporais, etiqueta e o reconhecimento de símbolos como os emblemas e sinais que se estampam os uniformes.

na massa do sangue fulana” , e o pior é que têm coisas que de tão batidas parecem que ficam mesmo (Militar 3).

... certas coisas vão ficando mais naturais a cada dia que você convive no ritmo da instituição, se no início ficar em pé durante uma formatura por um certo tempo e executar todos os movimentos te parece algo difícil, com o tempo você já entra em forma faz os movimento no piloto automático e ainda fica planejando mentalmente o seu dia quando chegar em casa, na última por exemplo eu fiquei pensando na lista escolar do meu filho... (Militar 4).

A noção de *habitus* de Bourdieu estabelece então:

... uma relação de homologia estrutural e relação de dependência causal; a forma das determinações causais é definida pelas relações estruturais e a força de dominação é tanto maior quanto mais aproximadas das relações de produção econômica estiverem as relações em que ela se exerce (1989, p. 154).

Desta forma, é preciso reconhecer, então, que o *habitus* funciona como uma força conservadora no interior da ordem social, e que nossas ferramentas de atuação são impregnadas de elementos simbólicos.

Para Bourdieu os símbolos cumprem funções sociais importantes e afirmam-se como preponderantes “instrumentos por excelência de integração social” (1998, p. 10), uma vez que cria a possibilidade de consenso acerca das relações sociais, tornando possível a reprodução e a manutenção da ordem do mundo.

... trabalhar em uma instituição hierárquica pode não ser a coisas mais fácil do mundo, as vezes você pensa em ponderar algo e logo te colocam no seu lugar, mas se você parar para pensar tem pontos bastante positivos por que enquadra cada macaco no seu galho, aqui para todo filho feio tem um pai, com nome, patente e seção (Militar 5).

... para mim as divisões por hierarquia nunca atrapalharam, aqui você sabe com certeza até onde pode ir e até onde não pode, faz o seu o melhor possível e o sistema se encarrega do resto (Militar 1).

Isso porque enquanto instrumento estruturado e estruturante de comunicação e de conhecimento, os símbolos, constituídos em sistemas simbólicos, são fundamentais para o exercício da dominação na medida em que são

... instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra [...] dando o reforço da sua própria força que as fundamenta e contribuindo assim, [...] para a domesticação dos dominados (Bourdieu, 1989, p. 11).

... quando chega algum superior dando ordens e estabelecendo as funções sem nem dar tempo de ninguém pensar você pode desconfiar que a missão é boca podre, ..., e vai fazer o que questionar? Missão dada é missão cumprida! (Militar 3).

A gente sempre pensa que existem muitas coisas que podem mudar para melhorar a instituição e muitas até já mudaram como é o caso da entrada das mulheres, mas a verdade é que algumas delas para serem mudadas precisariam alterar alguns dos principais pilares da instituição, como a própria hierarquia (Militar 5).

Desta maneira, os abundantes símbolos presentes em todos os estratos das organizações militares como o uso das fardas, espadas, medalhas, distintivos, etc, e rituais servem, muitas vezes, para legitimação do poder e estabelecimento da coesão do grupo, exercendo, assim, sob essa perspectiva funções políticas, uma vez que, de acordo com os interesses institucionais reforçam a idéia de um sistema estratificado, porém tido como legítimo por seus integrantes.

Partindo da visão renovada da natureza das relações sociais trabalhadas por Bourdieu, que utiliza em seus estudos as teorias do campo social, do *habitus* e dos capitais (social, cultural, simbólico), este item pretendeu analisar as relações vivenciadas pelas militares de uma unidade do Exército Brasileiro, a partir dos sistemas institucionais descritos acima.

Nossa intenção aqui não foi a de questionar os preceitos institucionais, mas sim, a de analisar esses sistemas simbólicos com sua extensa ritualística oficial, composta pelos seus regulamentos disciplinares, e a extra-oficial, formada pelas expressões não escritas, mas prontamente conhecidas e reconhecidas por todos os membros daquela comunidade, que orientam todas as interações sociais na caserna, com ritos específicos a serem cumprido junto aos pares, superiores e subordinados, enquanto instrumentos de legitimação do poder.

4.3

“Você não sabe mandar”: para entender relações de poder no universo militar

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber e produz discurso.

Michel Foucault

Era o começo de mais um dia de expediente.

A Bandeira Nacional já se encontrava estuada no pavilhão principal.

O comandante havia acabado de chegar. A certeza de tal afirmação vinha do som inigualável das cornetas que executava o toque militar de saudação e respeito à autoridade.

Pelos corredores o vai e vem de militares começava a se intensificar assim como a velocidade de cada passada em direção às seções, a pontualidade é considerada como característica básica do comportamento de um bom soldado.

Para a maioria daqueles militares era só mais um dia, mais para uma militar em especial daquele aquartelamento foi bem mais que apenas “mais um dia”.

Recém-chegada ao comando e a vida militar, jovem, portadora de vários diplomas civis, cheia de idéias criativas e ideais de trabalho em equipe, experimentou vivamente a primazia de quem estava no exercício do poder.

Ao contrário do que se possa imaginar, em se tratando de uma instituição estereotipada como é a militar, tida como rústica e masculinizada por natureza, essa postura condenável não veio de um superior distante da cadeia hierárquica, nem mesmo de um militar homem, mas sim de uma mulher militar.

Em apenas um posto acima do seu, e empregando um estilo implacável, a militar superior iniciou a “conversa” dizendo a outra militar:

—“Você não está aqui para pensar e sim pra fazer”. E seguiu o monólogo com frases como:

—“Você não deve nunca esquecer que na instituição em que você trabalha existe a hierarquia e, pode não parecer, mas querendo ou não, eu sou a mais antiga”;

—“Por muito menos eu já enquadreí outras pessoas”;

—“Eu podia levar isso para cima, pela sua falta de respeito, podia falar como o seu chefe, mas eu preferi falar direto como você”,

—“O que eu vejo é que você trata os seus subordinados de forma muito próxima, muito igual, sem uma postura de oficial, dá liberdade...”. E concluiu suas idéias:

—“Você não sabe mandar!”.

Sem poder questionar a militar “mais moderna” calou-se.

É preciso esclarecer que o motivo que originou o fato foi a solicitação para que a militar superior, que possuía as chaves da porta principal e encontrava-se conversando, abrisse-a para o deslocamento de usuários, uma vez que a outra chave, pertencente a outra militar, encontrava-se com o auxiliar da mesma que havia se ausentado, a seu pedido, para entregar documentos em outras seções.

Aqui estaremos falando de relações de poder no universo institucional militar sem que questões relativas às relações inter-gêneros possam ser levadas em consideração.

Para que contextualizemos nossa discussão, cabe lembrar que o século XXI se iniciou em meio a intensas transformações econômicas e socioculturais que já se encontravam em curso acelerado na história das sociedades ocidentais desde a segunda metade do século XX. Neste cenário, vem ganhado destaque, principalmente nas últimas décadas, um processo de mudanças de paradigmas no que diz respeito aos papéis sociais desempenhados e aos espaços ocupados por ambos os sexos.

Com início do século XIX, a conquista da mulher por um espaço no mercado de trabalho, ainda em uma sociedade que acreditava que o homem era o único provedor das necessidades da família, começou conforme Luca (2001), com as mulheres viúvas ou pertencentes a uma classe mais pobre e que precisavam sustentar seus filhos com atividades que lhes dessem um retorno financeiro. Dentre as principais atividades realizadas, destacam-se: a fabricação de doces por encomendas, o arranjo de flores, os bordados e as aulas de piano.

Depois de transpor longos períodos lutando por igualdade e valorização da independência feminina pelos movimentos feministas, as mulheres vem encontrando

cada vez mais “seu lugar” no mundo do trabalho. O discurso do trabalho feminino como fonte de autonomia para as mulheres vem adquirindo cada vez mais força fundamentada em dois aspectos: a queda da taxa de fecundidade e a progressiva redução das barreiras de escolarização feminina com o aumento do nível de instrução.

Para Bruschini (1994), com a redução do número de filhos as mulheres passam a ser “liberada” para o mercado de trabalho e a presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos fizeram com que houvesse profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher.

A expansão da escolaridade contribuiu também para este processo de transformação. Aos poucos, as mulheres foram ingressando em diversos cursos de formação ampliando mais e mais suas possibilidades de trabalho, ainda que ligadas a papéis de “cuidadoras”, já que eram vistas, na sua essência, como mães, esposas e donas-de-casa, não podendo realizar outras atividades que não estivessem vinculadas a essa natureza.

De acordo com Besse, um estudo aprovado pelo Ministério do Trabalho, em 1942, concluiu que havia apenas um pequeno número de profissões compatíveis com as características “naturais” das mulheres e que não ofereciam riscos de as tornarem menos aptas a suas obrigações familiares e a maternidade, uma vez que não “corrompiam” sua “natureza feminina”. Segundo a autora, essas profissões eram as seguintes:

... professora, assistente social, enfermeira, médica, dentista, farmacêutica, técnica de laboratório, assistente administrativa, secretária, vendedora, decoradora de interiores, funcionária de hotel, operária de fábrica (nas áreas têxteis, confecção, decoração, indústria de alimentos, chapelaria e acabamento de diversos produtos), empregada doméstica (cozinheira, lavadeira, faxineira ou babá) e pequena produtora de produtos agrícolas (Besse, 1999, p. 153).

Lima (1998) questiona que o papel das mulheres no mundo do trabalho sempre foi reforçado por características como: delicadas, pacientes e suscetíveis às ordens, enquanto aos homens, atribuem-se características como: forte, inteligente e dinâmico.

Ao longo do tempo, um conjunto de fatores proporcionou às mulheres ampliar sua atuação no mercado de trabalho. De coadjuvantes as mulheres ganharam cada vez mais o papel de protagonistas nos espaços de trabalho de maior poder e prestígio social no mundo corporativo.

Ao alargarem os espaços de conquistas, as mulheres apoderam-se das oportunidades, revelando inúmeras potencialidades como competência, disposição e força para vencer obstáculos oriundos das amarras do preconceito, estereótipos, ideologias, tabus, etc.

Para Guerra (2004), a velocidade com que este processo ocorreu e ainda está ocorrendo não deve ser visto como o fator mais relevante a ser destacado, e sim a conquista propriamente dita de setores que não empregavam mulheres e que hoje já abrem suas portas a este segmento, como, por exemplo, nas Forças Armadas, em que elas já ocupam alguns cargos anteriormente permitidos apenas ao sexo masculino.

É o caso do Quadro Complementar de Oficiais (QCO), criado em dois de outubro de 1989, através da Lei 7831, que possibilitou o ingresso das mulheres no Exército no ano de 1992 pela Escola de Administração do Exército (EsAEx) mediante concurso público. Antes disso, a presença de mulheres nesta força restringia-se aos períodos de guerra, como foi com a II Guerra Mundial, quando foram recrutadas a prestar serviços militares na área de saúde e de tarefas de apoio em áreas de retaguarda, sendo licenciadas posteriormente.

Atualmente, como uma prerrogativa do Estatuto dos Militares, no Exército Brasileiro os militares independentes do sexo não possuem diferenciação em sua ascensão aos postos hierárquicos. Desta forma, a cada posto hierárquico é conferido uma autoridade o que conseqüentemente atribui um poder e uma responsabilidade correspondente.

Não obstante, as organizações militares, ainda que possam parecer instituições isoladas ou até mesmo independentes, nada mais são do que o espelho da sociedade na qual está inserida, e por isso se constitui das mesmas características multifacetadas e divergentes, onde as relações internas no cerne da estrutura militar tendem a refletir esta complexidade em todos os níveis de sua estrutura, tanto no que diz respeito às

relações entre superiores e subordinados, entre pares e entre os gêneros, sejam elas divergentes ou similares.

No mundo acadêmico, são várias as definições sobre o conceito de poder e como esse poder se expressa nas atitudes cotidianas. Podemos agrupar estas concepções de poder em duas vertentes: na primeira o poder é entendido como sinônimo de recursos que o indivíduo ou um grupo de indivíduos possui, e que podem ser utilizados de modo a sujeitar outros indivíduos a agirem de acordo com os seus interesses. Enquanto que, na segunda, teríamos o poder entendido como algo que acontece no interior nas relações sociais de determinada organização, independente de recursos que possam ser mobilizados contra ou a favor das pessoas.

Sendo assim, no primeiro caso é preciso que o conceito de poder seja visto como um recurso de dominação, levando-se em consideração tanto aqueles que o detêm quanto os que se submetem a ele. Enquanto que no segundo caso o fenômeno poder, deve ser entendido a partir de sua análise em determinada realidade organizacional.

Em se tratando do poder enquanto dominação, Weber, autor que coaduna com a primeira vertente, diferencia dois tipos distintos: a dominação por interesses e a dominação pela autoridade.

A dominação por interesses tem como base “as influências que, mediante qualquer tipo de posse, se exercem sobre o tráfego formalmente livre dos dominados que se inspiram em seus próprios interesses” (Weber, 1978, p. 696), e se dá em situações específicas e não duradouras, uma vez que ao extinguir-se o instrumento causador da mobilidade, a probabilidade de que se obedeça a determinada ordem diminui.

Um exemplo desse tipo de dominação ocorre em uma situação de violência como o roubo onde o sujeito violentado entrega seu dinheiro ao criminoso por medo de possíveis atitudes desse indivíduo e não por desejo próprio, ou seja, o indivíduo que se submeteu ao comando de entregar seus pertences o fez pelo fato de que quem deu a ordem, possuía instrumentos que poderiam ser usados contra seus interesses.

Já a dominação pela autoridade acontece pela sensação de dever, onde aquele que se submete aceita a ordem por considerá-la válida e legítima independentemente

de seus interesses ou motivos, ou nas palavras de Weber: “a vontade manifesta do dominador ou dos dominadores tem influência sobre as ações de outros, de maneira que, um grau socialmente relevante desses atos é realizado como se os dominados houvessem adotado por si mesmos e como máxima de suas condutas, o conteúdo dessa ordem” (Weber, 1978, p. 696).

Ao obedecer a uma ordem por vontade própria, o indivíduo considera a figura de poder como dotada de autoridade. Aquele que é considerado pelos outros como uma autoridade só o é porque existe a crença de que seja superior e por isso, o outro se subordina, diferentemente do que ocorre nos casos de obediência por coerção.

É esse tipo de dominação que aparece na fala da profissional narrada no princípio desta seção, onde o conceito de autoridade é utilizado valendo-se inadequadamente de alguns dos preceitos existentes na instituição estudada, como é o caso da hierarquia e da disciplina, a fim de dar sentido às condições de controle e influência sobre os subordinados.

Nas Forças Armadas, a hierarquia e disciplina são elementos fundamentais nas relações entre os pares e os subordinados. A Carta Magna brasileira de 1988, em seu artigo nº142, diz que:

As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e disciplina, sob autoridade suprema do Presidente da República, e destina-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem (Brasil, 1988).

Mas ao contrário do que possam parecer, as questões de poder não se resumem exclusivamente à hierarquia funcional que confere autoridade e define o posicionamento de seus membros na estrutura organizacional. Elas fazem parte de todo o cotidiano do trabalho e podem ser construídas através dos mecanismos de socialização, da força da ideologia, das crenças religiosas entre outros.

Em consonância com esta discussão, Michel Foucault trabalha a mecânica do poder como algo concreto, particular, que permeia toda a sociedade e suas instituições, existindo no próprio corpo do indivíduo.

Para o autor, é a partir do conhecimento do poder e de sua produção que o próprio indivíduo se forma. Em outras palavras, é a partir do conhecimento de como

funcionam os efeitos do poder e seus processos de sujeição que é possível entender a constituição dos sujeitos.

Foucault define a sua idéia de poder a partir da existência de cinco aspectos básicos: (1) o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe; algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce; (2) as relações de poder não são exteriores a outros tipos de relação (econômicas, de conhecimento, sexuais), mas lhe são imanentes, desempenhando papel de reprodução dessas relações; (3) o poder é algo que se produz e reproduz nas relações entre as pessoas, cujas relações desenham campos de força, móveis e desiguais; (4) o poder é onipresente, está em todas as partes não porque engloba tudo, mas porque nasce de todos os lugares; (5) onde há poder há resistência.

A mecânica do poder apresentado por Foucault o revela ao mesmo tempo visível e invisível, presente em todas as relações sociais e legitimado por uma verdade e uma infinidade de práticas de controle, o que torna difícil identificar quem o exerce e onde ele é exercido.

Sobre o assunto Foucault diz:

... quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana (Foucault, 2006, p. 131).

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outras palavras, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos de poder (Foucault, 1979, p. 183-184).

É revelador como o autor trabalha sua concepção de poder e como esse poder se manifesta através de sutilezas, principalmente no que diz respeito ao seu

funcionamento em cadeia, onde cada indivíduo passa a ser um elo da cadeia social e em algum momento, produz, reproduz e também o transforma:

... eu já dei e já tomei várias “mijadas”²⁹ aqui, acho que todo mundo já tomou e se não tomou vai tomar um dia (Militar 4).

... eu não gosto de me imaginar como chefe, que eu tenho subordinados, que eu de certa forma ocupo um lugar mais destacado, que eu tenho uma certa autoridade para emitir ordens, por que isso tudo é bobagem (...) todos aqui fazemos parte de um sistema, e é como se esse sistema fosse movido por engrenagens, que somos nós, nós somos as peças e cada peça tem a sua função, umas são maiores outras menores mas se faltar uma já não funciona, e para que todas funcionem uma vai empurrando a outra conforme a ordem de escala, a única diferença aqui é que a engrenagem foi projetada para empurrar de cima para baixo... (Militar 1).

Ainda sobre a questão de compartilhar o poder, Foucault ressalta que:

Não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder – desde que não seja considerado de muito longe – não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem e lhe são submetidos (Foucault, 1979, p. 183).

Sobre esse aspecto é possível observar em algumas falas como ocorre a idéia de naturalização do uso do poder durante atividades diárias:

... toda vez que um militar chega na OM, é lido o seu currículo para a tropa na formatura de apresentação, você fica escutando os cursos que o cara fez, onde ele servia, as medalhas que ganhou, em fim toda a carreira dele até ali,..., e como é natural do ser humano você acaba pensando, se questionando, ele é bom assim mesmo. Aí quando esse cara acaba virando seu chefe, você percebe que ele tem defeitos, claro, mas no que depender do quesito experiência profissional ele é bom mesmo, e aí você tira a boina pra ele (repetindo o gesto) e vê que ele não é chefe só porque foi sendo promovido com a massa (...) não ele chegou onde chegou não foi a toa (Militar 2)

... eu lido bem com essa coisa de ordem, para mim, bem antes de entrar para vida militar, nunca foi um disparate essa coisa que todo civil fica falando, que tem pavor, que não conseguiria viver sobre regulamentos, agora isso quando você recebe ordem de quem sabe fazer isso, embora a maioria pense que é fácil, mandar não é para qualquer um (Militar 3).

... é chato às vezes você ficar em pé ouvindo o seu chefe falar, dando os avisos e tudo mais, por que você para e fica pensando porque agente tem que ficar em pé? É só uma reunião de seção, uma simples reunião (...) isso sem falar na ordem em que cada um tem que ficar de acordo com a hierarquia, dava pra aliviar né? Só que por outro lado

²⁹ Jargão militar utilizado para repreensão veemente e inflamado do superior aos seus subordinados.

você pensa também que em time que está ganhando não se mexe né, as reuniões militares são assim há anos, e talvez seja esse rigor todo que faça as pessoas chegarem na hora, não ter conversa paralela, não poder dizer depois que não foi informado... Aí, fazer o quê? Brasil.. A gente acaba agasalhando³⁰ (Militar 2).

Em seus estudos, Foucault não desenvolve uma teoria geral sobre o poder; entretanto, essa categoria está presente em toda a sua construção teórica. Para ele não há poder que designe alguma essência, existindo apenas relações de força que constituem situações de poder. O poder seria então parte inerente de todos os relacionamentos humanos e se manifestaria justamente por ocasião desse contato. (Macedo Jr., 1990, p. 152).

Estando o poder presente em todas as relações, as diversas organizações sociais sejam elas institucionais, informais ou familiares apresentariam suas manifestações em seu interior, não existindo espaços privilegiados, uma vez que o poder estenderia seus efeitos por todos os espaços sociais.

... a sociedade evolui e nós lidamos com os seus reflexos aqui dentro, um exemplo disso são os soldados EV³¹ que chegam todo ano,..., e quem esta aqui a mais tempo pode confirmar que o Sd que serve hoje não tem o mesmo perfil do Sd que serviu a anos atrás, e se você quiser acompanhar esses garotos tem que evoluir também, se não você não chega neles eles já chegam “aloprando”³² tudo, é tudo uma questão de estratégia, você da corda ali, e consegue puxar a redia mas a frente e assim aquela velhas idéia de relação em que “a superior que só quer me torrar”³³ vai se modificando em novas idéias: “a minha chefe que é maneira” (...) passa a existir não só o respeito pelo medo mas a admiração pelo profissional (Militar 1).

... nós somos aqui o que somos em casa na vida civil (...) a educação não diz que é regra dar bom dia quando vemos alguém ou chegamos em um ambiente por exemplo (...) aqui também é assim só que o nosso cumprimento de bom dia é com a continência (...) e as pessoas que criticam sobre a questão da continência como um ato que rebaixa, criticam por que desconhecem, aqui todo mundo faz isso é natural, ta na massa, por que se um militar presta uma continência a você, você responde com outra, é como o bom dia que eu falei, você dá o bom dia e recebe outro, aqui só quem teoricamente não precisaria prestar a continência por que já esta no topo é o general, mas ele sempre responde a todos (Militar 3).

³⁰ Expressão militar que significa o mesmo que “deixar pra lá”, não se importar, ignorar.

³¹ Soldados do Efetivo variado, ou seja, militares que estão prestando o seu primeiro ano de serviço militar obrigatório.

³² Expressão militar que significa um comportamento inadequado para um militar, agressivo, não companheiro, irresponsável.

³³ Expressão militar que significa quando um militar participa o outro através do Fato Observado (FO), se negativo refere-se à comunicação de punição por escrito ao infrator, se positivo pode vir a se converter em benefícios para a ficha de comportamento do militar.

... na verdade as relações de poder são meio que simétricas (...) no meu pensamento (...) em qualquer lugar, e elas estão em qualquer lugar, aqueles que tem por exemplo dificuldades de assimilar a autoridade do pai ou da mãe por exemplo, não vai conseguir assimilar a autoridade de uma chefe, esteja ela usando uma farda ou não, a diferença é que se ela estiver usando uma farda, além de um puxão de orelha você ainda poderá ser torrado, (risos) (Militar 5).

... o militarismo é muito criticado pela rigidez de conduta e o respeito aos superiores, mas eu pelo menos não tive problemas em me adaptar, venho de uma família sem militares e onde essas regras ainda assim sempre valeram (Militar 3).

Na verdade o que é possível de se observar na análise das falas destacadas acima e a idéia de poder de Foucault é que o poder como fenômeno relacional que é, ocorre no exercício de todas as relações cotidianas de convivência humana, como algo que circula, que está em movimento em todos os momentos e em todos os espaços da vida social e quando observada permite entender na prática de vida como essas relações se estruturam, reproduzem, modificam ou permanecem inalteradas.

Pelo seu entendimento então, o poder estaria embrenhado nos mais diferentes espaços da sociedade, não se restringindo à economia ou ao Estado, existindo então outros fatores subjetivos que interfeririam nos relacionamentos dos indivíduos e precisariam ser levados em consideração em uma análise sobre o poder e uma maior compreensão das relações e dos diferentes jogos e lutas nos quais estamos, continuamente, imersos. Tal análise pode ser observada nos discursos das militares ao relembrar os diferentes ambientes de trabalho pelo qual já passaram:

... no EB você é avaliado periodicamente em vários fatores, tem o TAF³⁴, o TAT³⁵ a Ficha de Avaliação, isso periodicamente, acho que nossas condições de desempenho são as mesmas para homens e mulheres, assim como ocorre aí fora (...) mas o grande problema daqui é que algumas ações como o exercício de tiro meche com a hombridade masculina e uma suposta masculinização das mulheres, então se você destaca ou vai mal em uma delas, por exemplo, pode acabar criando barreiras ainda que invisíveis para você, e por aí vai (Militar 4).

... aqui não é diferente de nenhum outro ambiente de trabalho, eu já trabalhei em outros lugares e é igualzinho, todo mundo quer chegar no seu local de trabalho e quer

³⁴ Teste de Avaliação Física (TAF) é realizado periodicamente para avaliar a aptidão física e a capacidade para realizar tarefas militares, uma vez que o Manual de Treinamento Físico Militar, adotado pelo Exército Brasileiro, considera “a eficiência do desempenho profissional depende, de forma considerável, da condição física do militar”. (Manual C20-20).

³⁵ Teste de Aptidão de Tiro (TAT) é realizado periodicamente para avaliar a capacidade técnica para o manuseio de armas de fogo.

dizer que ali todo mundo é unido, que as divergências são produtivas e bla,bla,bla. Mas a realidade é bem diferente é ter que matar um leão por dia, rir para o seu colega de mesa e fazer sempre a política da boa vizinhança o estresse do ambiente de trabalho é igual em qualquer lugar, não é uma farda que vai fazer diferença (Militar 3).

... eu trabalhei em uma empresa antes de entrar para o Exército e o ritmo é “pauleira”, você é cobrada o tempo todo em questão de produção, em satisfação do cliente, em relatórios e mais produção, e você acaba também reproduzindo isso nas pessoas que estão a sua volta e até em casa com o marido com os filhos, no EB já é diferente, aqui a tua guerra é outra, você é cobrada a produzir sim, é cobrada a manter tudo dentro dos prazos sim, e é cobrada a manter todo o trabalho em dia sim, a diferença é que além de tudo você têm que mostrar que pode cumprir a missão, por que senão só vai sobrar as missões “boca podre”³⁶ pra você (Militar 2).

... não é que a cobrança daqui seja diferente da cobrança que ocorre em uma empresa privada, senão nós vamos estar caindo naquele discurso que funcionário público não trabalha muito (...) não é isso (...) o que eu vejo aqui é que diferente do que ocorre nessas empresas, onde a cordinha vai arrebentando de baixo para cima, onde a qualquer custo tem que ter um culpado (...) aqui a filosofia é outra, a corda arrebenta de cima para baixo, se eu pudesse escolher duas frases para explicar o que eu estou falando seria : “quanto maior o poder maior é a responsabilidade” e “a tropa é o espelho do chefe”, aqui se o seu subordinado cai você vai junto... (Militar 5).

Coadunando com os discursos, descritos acima, enfatizamos ainda na análise foucaultiana que o poder não estaria então, localizado especificamente no topo de uma hierarquia e sim disperso em toda a conjuntura social, uma vez que pode ser definido como “o efeito do exercício de relações sociais entre grupos e indivíduos” (Macedo Jr., 1990, p. 159).

Segundo o referido autor o principal foco e objeto do poder é o indivíduo e sua atividade fim pode ser comparada a uma engrenagem que irá acarretar ações e transformações de condutas nesses indivíduos “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 2004, p. 126).

... você não fica pensando, o que eu vou fazer, como eu vou fazer, como eu vou chegar lá e dar essa instrução, quer dizer você até planeja o que vai falar e a forma como vai falar, mas na hora do vamos ver, você simplesmente chega e faz, parece que você incorpora um personagens e parece que você já nasceu para isso (Militar 2).

... o nosso ritmo de vida é tão natural, tudo aqui com o tempo fica tão normal que você já não vê mais o que você achava que era uma limitação como uma limitação de

³⁶ Expressão militar que significa o mesmo que ruim.

fato, e não é que ocorra uma lavagem como dizem que fazem com a gente, simplesmente algumas coisas de tanto ser repetidas você já vai no automático, mas não é essa a questão, a questão é que você apenas se enquadra ao sistema (Militar 4).

Quando a gente escolhe a profissão militar, independente de que Força você vai escolher, a gente já sabe que vai ter obrigações, limitações e um ritmo de vida diferente de outras profissões, pode não saber de tudo mas no fundo todo mundo têm uma idéia geral do que é ser militar, e se você abraça essa profissão por opção não só pelas imposições da vida como a estabilidade profissional, imposição da família, uma remuneração legal e outras coisas que a gente sabe que acontece por que todo mundo tá suscetível aos problemas da vida, se abraça de coração aí você vai fazer a diferença (Militar 2).

De acordo com Foucault, o poder tem alcance imediato sobre o corpo, ele o dirige, o suplicia, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Porém, prossegue o autor, o corpo só se torna adequado à força de trabalho, se inserido num sistema de sujeição: “... corpo se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (Foucault, 2004, p. 126).

... sabe aquela frase do filme **Tropa de elite** que o Capitão fala: cuide das suas almas por que o seus corpos já me pertencem, ou alguma coisa parecida com isso, quando a gente tá em alguma atividade que exija um esforço físico, no campo, em uma corrida ou em pé imóvel em uma formatura é bem isso que te vem a mente (...) mas com todo o sofrimento ninguém pede para sair (risos contínuos após uma segunda analogia ao filme) (Militar 5).

... todos os cursos militares funcionam da seguinte forma: o individuo traz uma bagagem de estereótipos civis e a instituição desconstroem muitos deles e molda esse individuo com os preceitos da instituição, mas é discutível chamar isso de sei lá “massificação” ou “lavagem”, em outros lugares as pessoas não são chamadas o tempo todo a vestir a camisa da empresa??, é meio que parecido né! (Militar 3).

Em seus estudos Foucault não deixa de mencionar a forma como o corpo vem sendo moldado ao longo da história, não apenas pelos ritmos cada vez maiores de cargas de trabalhos provocando desgastes não só físico como mental, mas também “leis” que impregnam o indivíduo, e o torna adequado a seus propósitos: “O controle da sociedade sobre o indivíduo não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (Foucault, 2004, p. 80).

Sendo assim a idéia que Foucault propõe seria uma espécie de mecanismo específico do controle do poder, de um poder disciplinar capaz de incorporar nos corpos características dóceis e que “põe em funcionamento uma rede de

procedimentos e mecanismos que atinge os aspectos mais sutis da realidade e da vida dos indivíduos e consegue se fazer presente em todos os níveis da rede social” (Fonseca, 2003, p. 70).

... a internalização dos nossos conceitos ocorre pela padronização e repetição das ações. É mais ou menos assim, existe uma padronização determinada por regulamento, e nas escolas de formação e nas próprias OM ocorrem os treinamentos onde na base da repetição das ações você disciplina o seu corpo e a sua conduta (Militar 3)

... as normas e os procedimentos aqui são para serem cumpridos por todos, do Sd ao Gen, por isso existe essa padronização, para todos saibam como agir em determinadas ocasiões, e quase tudo está previsto em regulamento, como se vestir, como cumprimentar, como se comportar (Militar 1).

... a disciplina é cobrada a todo tempo, e ela é exigida em todas as suas ações, se você tentar remar contra a maré é bom estar amparado pelos regulamentos, por que será cobrado de acordo com ele (Militar 4).

... quem nunca ouviu a frase pontualidade militar que atire a primeira pedra, se algo está previsto para ter início as 10:00hs tiramos as faltas as 8:00hs entramos em forma as 8:30 hs e aguardamos o início prontos desde as 9:00hs (Militar 2).

Ao utilizar a expressão “corpo dócil” Foucault a define como: “um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (2004, p. 126), e por tanto modelado. As formas de modelagens são colocadas como formas de adestramento, sendo utilizado como uma poderosa ferramenta de controle, uma vez que disciplina utilizando “fórmulas gerais de dominação” (Foucault, 2004, p. 126).

Para Foucault o poder disciplinar seria:

O momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais útil. Forma-se então, uma política de coerções que consiste num trabalho sobre o corpo, numa manipulação calculada dos seus elementos, dos seus gestos, dos seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis". A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças, faz dele por um lado uma "aptidão", uma "capacidade" que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, potencia o que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (2004, p. 119).

Os dispositivos do poder disciplinar, que compreendem saberes, poderes e instituições, recobrem todos os domínios da vida humana e podem ser percebidas em qualquer situação cotidiana; entretanto, elas adquirem maior eficácia quando estão institucionalizadas. Tal abordagem torna-se evidente quando analisamos os discursos das militares abaixo sobre as normas e regras de conduta institucionais que “moldam” o sujeito ao ponto de transcender o espaço físico institucional:

... quando estamos no dia a dia ou em um evento militar não nos damos conta da questão da disciplina, de conviver o tempo todo com ela, de se controlar, de manter uma postura que a instituição exige de você (...) mas quando vamos a um evento civil, aí nos damos conta do choque cultural que é, desde as pequenas coisas como não sentar no chão, não ficar encostados escorando a parede, evitar comportamentos esdrúxulos, até a coisas mais visíveis, como ficar em determinado lugar em forma ou agrupados por determinação superior, só nos deslocarmos a comando, falamos pouco (...) e outras mais... (Militar 3).

... fica nítido os efeitos da institucionalização em nós quando vemos nossos vídeos de quando entramos, o início de tudo e o agora, definitivamente não somos mais os mesmos, e tudo que acaba sendo muito diferente de nós nos causa estranhamento. Eu mesmo quando terminei a faculdade engrenei no Exército, hoje fazendo a especialização confesso que me senti em outro mundo com todo mundo falando ao mesmo tempo, quase ninguém cumpre os horários, incluindo os professores, uns comem na sala, outros dormem, outros rabiscam, é ou não é outro mundo? (Militar 5).

... a coisa do tempo aqui é muito valorizada, mas ainda quando você está nas escolas de formação, onde você é regulado o tempo todo pelos minutos: tantos minutos para tomar banho, tantos minutos para almoçar, tantos minutos para descansar (...) se você extrapola o tempo alguma coisa deixará de ser feita e aí pode sobrar para você ou para o seu grupo, aí é uma correria só, ninguém quer ficar para trás né! (Militar 2).

Podemos então comparar a disciplina imposta pelas instituições militares ao poder disciplinar discutido por Foucault uma vez que assim como a disciplina militar impõe o cumprimento a todo tempo de regras de conduta baseadas na vigilância punitiva, o referido poder trabalhado pelo autor se baseia na visibilidade, na regulamentação minuciosa do tempo e na localização precisa dos corpos no espaço, o que possibilita o controle, o registro e o acúmulo de saberes sobre os indivíduos vigiados, tornados dóceis e úteis à sociedade.

Conforme afirma Foucault:

O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar

ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo (1984, p. 153).

No caso das organizações militares a disciplina e a submissão do militar as regras ou normas que regem a instituição podem então ser obtidas de duas maneiras: (1) pela internalização dos valores encerrados na essência do Regulamento Disciplinar, quando teríamos a chamada “disciplina consciente” e (2) pela imposição de medidas, que poderão ser rigorosas ou não, com o objetivo de restringir qualquer atividade individual que interfira na razão de existência da Instituição, tida como a disciplina imposta.

Seja através de uma, ou de outra, o fato é que é através da disciplina que se mantém o domínio do poder pela determinação de atitudes, regras e comportamentos ditados pelas autoridades, como forma de aumentar a sujeição de todos, tornando-os cada vez mais úteis e obedientes.